

Coesão textual da linguagem dos pré-adolescentes

Maria Antonieta Carbonari de Almeida

Orientador: Prof. Dr. Maurizio Gnerre

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como re
quisito parcial para obten
ção do grau de Mestre em Lin
guística.

Campinas

1980

AGRADECIMENTOS

- ao Prof. Dr. Maurizio Gnerre, pela orientação segura e amiga;
- aos informantes, pela disponibilidade;
- aos familiares e amigos, pelo incentivo e apoio;
- aos nossos alunos, pela compreensão;
- à CAPES.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto os diferentes mecanismos de coesão que transformam um conjunto de orações em um texto, um "todo unificado". A pesquisa procurou verificar se a variação entre língua escrita e falada, e as variáveis sociais consideradas (classe social e sexo do informante) influem na opção por determinado mecanismo.

Os dados que compõem o corpus foram coletados junto a quarenta informantes, vinte de classe A e vinte de classe B, sendo dez meninos e dez meninas de cada classe; todos eles pré-adolescentes.

Todos os mecanismos de coesão textual foram levantados, tanto de linguagem escrita como de linguagem oral. Calculamos um quociente para cada informante e também a média desses quocientes, considerando as variáveis sociais e a variável estilística. Calculamos o índice de ocorrência de cada mecanismo de coesão, o que nos permitiu observar quais os mecanismos que mais ocorrem na linguagem dos pré-adolescentes.

A análise revela a existência de diferenças quanto à frequência dos mecanismos de coesão: algumas devido à diferença entre língua escrita e língua falada, outras devido a fatores sociais.

Verifica-se que na língua escrita os informantes empregaram mais a coesão lexical do que a referência e que, na linguagem oral, a desinência verbal é mais usada como mecanismo de coesão pelos informantes de classe B.

Os resultados revelam, ainda, uma certa uniformidade das classes sociais quanto à variação entre língua escrita e falada.

Conclui-se que as classes sociais diferem no uso de determinados mecanismos de coesão com as diferenças entre língua escrita e falada, por exemplo: a classe A emprega mais a referência na linguagem oral, enquanto que a classe B emprega-a mais na linguagem escrita; a elipse é mais usada pela classe B na linguagem oral e é mais usada pela classe A na linguagem escrita.

Índice

Introdução	1
1- Procedimentos metodológicos	2
1.1. A seleção dos informantes	3
1.2. A coleta dos dados	5
1.3. A transcrição	7
1.4. Tratamento dos dados	7
2. Corpus	9
2.1. Linguagem oral - características gerais	10
2.2. Linguagem escrita - características gerais	11
3. Coesão textual e seus mecanismos	36
3.1. O conceito de coesão	37
3.1.1. Coesão e estrutura	39
3.2. Mecanismos de coesão	41
3.2.1. Referências	42
3.2.1.1. Tipos de referência	44
3.2.1.2. Referência em inglês	46
3.2.1.3. Referência em português	49
3.2.1.4. Paralelo da referência em inglês e português	50
3.2.1.5. Referência e pronome relativo	53
3.2.2. Substituição	54
3.2.2.1. Tipos de substituição	55
3.2.2.2. A substituição no inglês e no português	56

3.2.3. Elipse	63
3.2.3.1. Tipos de elipse	70
3.2.3.2. A elipse no inglês e no português	72
3.2.4. Conjunção	76
3.2.4.1. A conjunção na gramática	79
3.2.4.1.1. As conjunções do corpus da pesquisa	81
3.2.5. Coesão lexical	86
3.3. Substituição - mecanismo maior de coesão	94
4. Mecanismos de coesão característicos do português ...	100
4.1. A flexão de gênero	102
4.2. A desinência verbal	107
5. As variáveis	113
5.1.1. A variável linguística	113
5.1.2. As variáveis sociais	113
5.2. Resultados obtidos	114
5.2.1. Resultados relativos à variável	114
linguística	
5.2.2. Resultados relativos às variáveis sociais	115
5.2.2.1. Sexo	116
5.2.2.2. Classe social	117
5.2.3. Resultados relativos à média dos quocientes ..	117
5.2.4. Resultados relativos às diferenças entre maior e menor quociente	119
Índices de tabelas	121

Tabela 1 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem escrita dos informantes de sexo masculino, da classe A	122
Tabela 2 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem escrita dos informantes de sexo feminino , da classe A	123
Tabela 3 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem escrita dos informantes de sexo masculino, da classe B	124
Tabela 4 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem escrita dos informantes de sexo feminino , da classe B	125
Tabela 5 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem oral dos informantes de sexo masculino, da classe A	126
Tabela 6 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem oral dos informantes de sexo feminino, da classe A	127
Tabela 7 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem oral dos informantes de sexo masculino, da classe B	128
Tabela 8 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na <u>língua</u> gem oral dos informantes de sexo feminino, da classe A	129
Tabela 9 - Quociente (<u>Mecanismos de coesão</u>) da <u>língua</u> - Número de orações gem escrita, classe A	130

Tabela 10 -	Quociente (<u>Mecanismos de coesão</u>) da Número de orações	
	língua escrita, classe B	131
Tabela 11 -	Quociente (<u>Mecanismos de coesão</u>) da Número de orações	
	língua oral, classe A	132
Tabela 12 -	Quociente (<u>Mecanismos de coesão</u>) da Número de orações	
	língua oral, classe B	133
Tabela 13 -	Índices dos mecanismos de coesão, na língua- escrita da classe A	134
Tabela 14 -	Índices dos mecanismos de coesão, na língua- escrita da classe B	135
Tabela 15 -	Índices dos mecanismos de coesão, na língua- oral da classe A	136
Tabela 16 -	Índices dos mecanismos de coesão, na língua- oral da classe B	137
Tabela 17 -	Mecanismos de coesão mais utilizados, conside- rando o sexo dos informantes	138
Tabela 18 -	Mecanismos de coesão mais utilizados, pelas classes sociais na língua oral e escrita..	138
Tabela 19 -	Diferenças entre o maior e o menor quocien- te	139

6. Conclusões	140
Referências Bibliográficas	143
Relação de Apêndices	146
Apêndice 1 - Contatos da linguagem oral, classe A	147
Apêndice 2 - Contatos da linguagem oral, classe B	148
Apêndice 3 - Hesitação na linguagem oral, classe A	149
Apêndice 4 - Hesitação na linguagem oral, classe B	150
Apêndice 5 - Itens continuativos na linguagem oral, classe A	151
Apêndice 6 - Itens continuativos na linguagem oral, classe B	152
Apêndice 7 - Gráfico 1 - Quadro demonstrativo das médias dos quocientes (linguagem escrita vs. lin- guagem oral	153
Apêndice 8 - Gráfico 2 - Quadro demonstrativo das médias dos quocientes (classe A vs. classe B)	154
Apêndice 9 - Soma das ocorrências dos mecanismos, lingua- gem oral e escrita	155
1. Referência	155
2. Elipse	155

3. Substituição	156
4. Conjunção	156
5. Coesão lexical	156
6. Gênero	157
7. Desinência Verbal	157
Apêndice 10 - Textos analisados	158
10-A linguagem escrita	158
10-B linguagem oral	160

INTRODUÇÃO

Halliday e Hasan estudaram a coesão textual e os mecanismos de coesão do inglês. Nossa análise é baseada no trabalho desses autores.

Pretendemos verificar se a coesão em textos escritos e orais produzidos por pré-adolescentes está em relação com a diferença entre língua escrita e falada e com fatores extra-linguísticos, como sexo e classe social.

Tivemos que rediscutir os mecanismos de coesão porque o português e o inglês possuem estruturas diferentes e nem sempre há uma equivalência entre os mecanismos das duas línguas. Nosso idioma apresenta, ainda, mecanismos de coesão característicos, como a flexão de gênero e a desinência verbal.

1. Procedimientos Metodológicos

1. Procedimentos Metodológicos

Nesta seção do trabalho, relatamos qual foi o critério da seleção dos informantes, como se efetuou a coleta dos dados da pesquisa; informamos, a seguir, as atitudes tomadas com relação à transcrição dos exemplos e ao tratamento dos dados.

1.1. A seleção dos informantes

1978 era o primeiro ano que lecionávamos na E.E.P.G. "Coronel Júlio César", localizada na cidade de Itatiba. Essa escola é a mais central e antiga da cidade, possuindo uma clientela de cerca de mil alunos. Na época, lecionávamos em três quintas séries, sendo que duas funcionavam no período vespertino (15:20 hs - 19:20 hs) e uma funcionava no período noturno (18:40hs - 22:15 hs).

Com o objetivo de selecionar os informantes, fizemos um levantamento no prontuário de nossos alunos e obtivemos dados que caracterizaram o aluno sócio-economicamente (grau de instrução e profissão dos pais); obtivemos dados relativos ao rendimento escolar, em língua portuguesa, nas séries iniciais; anotamos a data de nascimento de cada aluno. Em conversas informais ficamos sabendo quem já trabalhava.

Diferenças surgiram que nos permitiram agrupar quarenta alunos, vinte meninos e vinte meninas, em duas classes sociais distintas:

a) quanto ao grau de instrução - os pais de alunos de classe A apresentam escolaridade mais prolongada (ginásio, colégio e até mesmo faculdade) enquanto que os pais de alunos de classe B apresentam-se como analfabetos (dois casos) ou somente com instrução primária.

b) quanto à profissão - os pais dos alunos da classe A são comerciantes em sua maioria, professores (as mães, inclusive), médico, advogado, enquanto

que os pais dos alunos de classe B exercem profissões mais humildes: eles são lavradores, motoristas, pedreiros, operários.

Com o intuito de verificar o porte do estabelecimento comercial dos pais de nossos informantes, tivemos o cuidado de conhecer os estabelecimentos e encontramos transportadora, relojoaria, uma boa sapataria, um grande e movimentado bar, etc.

c) quanto ao rendimento escolar, encontramos que os alunos de classe A apresentam médias altas e bons conceitos (geralmente notas acima de 8,0 e conceitos B e A; somente três alunos tinham sido reprovados: um na terceira série e dois na quinta série), enquanto que os alunos de classe B apresentam um aproveitamento menor (geralmente notas por volta de 6,5, conceito C e um índice de reprovação maior, na primeira e quinta séries, principalmente).

No corrente ano de 1980, dois anos depois da coleta dos dados, era de se esperar que todos os alunos estivessem cursando a sétima série. No entanto, isso acontece praticamente só com os alunos da classe A.

Dos vinte alunos da classe A, apenas três alunas foram reprovadas na quinta série; duas cursam a sexta série na mesma escola e a terceira foi transferida para uma escola particular. Um aluno ficou retido na sexta série no ano passado e os demais dezesseis alunos cursam a sétima série no período da tarde.

Dos alunos da classe B, somente duas alunas estão cursando a sétima série, uma no período diurno e a outra no noturno; três foram transferidos de escola por motivo de mudança; seis estão na sexta série e nove alunos desistiram de estudar.

d) quanto à idade - a faixa etária de nossos informantes, na época da coleta dos dados, era por volta de doze anos, sendo que alguns alunos da classe B eram um pouco mais velhos. Eles estavam no período da pré-adolescência.

e) quanto ao emprego dos informantes - Dos

vinte alunos da classe A, somente um trabalhava com o pai durante o dia e estudava à noite; dos vinte alunos de classe B, somente uma aluna não trabalhava e quatro deles estudavam no período vespertino; seus empregos eram humildes, dada a situação sócio-cultural e a pouca idade: eles eram guardinhas, empregadas, operárias.

Hoje, a situação não mudou: os alunos de classe A não trabalham (eventualmente ajudam o pai, nas férias, por meio período) e os de classe B continuam trabalhando.

1.2. A coleta dos dados

Como nosso trabalho tem o objetivo de analisar quais os mecanismos de coesão que aparecem na linguagem oral e escrita, fizemos gravações com nossos informantes e recolhemos redações feitas por eles em sala de aula.

Com base nas experiências de Labov (1972, capítulo 3), pretendíamos conseguir o registro de um estilo espontâneo, em que o informante falasse com bastante envolvimento. Para tanto, procurávamos deixar os alunos à vontade e seguíamos o roteiro abaixo:

- a) Família:
- 1- Quantos vocês são?
 - 2- Qual o nome, a idade, o trabalho de seus pais e irmãos?
 - 3- Você briga muito com seus irmãos?
 - 4- O que você acha de seu irmão (sua irmã) mais velho(a)? - Gostaria de ser como ele (ela)?
 - 5- Que tipo de brincadeira você faz com seus irmãos? Vocês costumam "pregar peças" nos outros?
- b) Escola:-
- 1- O que você acha da quinta sé

rie (um professor para cada matéria, matérias novas, (etc)?

2- O que você acha da sua classe, de seus colegas?

3- O que você acha de estudar à noite?

4- O que você acha que está errado na escola?

5- Você já sofreu alguma injustiça na escola?

c) Trabalho:- 1- Onde você trabalha?

2- O que você faz? Você gosta?

3- É um trabalho perigoso?

4- Você tem alguma queixa do chefe da seção, do encarregado?

5- Você pretende continuar nesse emprego? Quais são os seus planos para o futuro?

Além desse roteiro pré-determinado, fazíamos perguntas sobre assuntos variados, sempre com o intuito de deixar o aluno à vontade. Perguntávamos se eles tinham animais de estimação, se costumavam caçar passarinho, passeios e festas, etc. Procurávamos sempre motivá-los para falar de suas experiências e vivências; desse modo, conseguimos fala carregada de envolvimento.

As gravações raramente ultrapassaram meia hora. Em algumas delas, tivemos um início formal, do tipo entrevista com perguntas e respostas, mas aos poucos os alunos iam se relaxando. Para a nossa análise consideramos apenas as narrativas que tivessem co

meço, meio e fim, sem perguntas nossas. Essas narrativas formam um texto à medida que são "um todo unificado".

Quanto à linguagem escrita, ela foi obtida em sala de aula - os alunos tinham oportunidade de desenvolver um tema livre ou escrever sobre um tema proposto, do tipo "O meu melhor amigo", "Meu trabalho".

Infelizmente, não foi possível uma uniformidade quanto à temática da redação e nem conseguimos muitos casos com o mesmo assunto na linguagem oral e escrita.

As narrativas orais são curtas e têm uma média de duração de 2/3 minutos. Quando transcritas, entretanto, apresentam-se um pouco maiores que as redações.

1.3. A transcrição

Em nosso trabalho fizemos a transcrição seguindo a grafia padrão, pois não eram relevantes as variantes fonológicas. Mas anotamos a ausência da desinência do infinitivo, por exemplo: chorá < chorar.

Tivemos o cuidado de indicar com reticências as hesitações dos informantes, com um ponto final as pausas maiores e com vírgulas as pausas menores.

1.4. Tratamento dos dados

Os dados coletados foram primeiramente quantificados para depois serem comparados. Quantificamos a ocorrência dos mecanismos de coesão e as orações.

Observamos a ocorrência de cada mecanismo de coesão textual utilizado. Os dados relativos às ocorrências dos mecanismos de coesão estão nas tabelas 1 a 8.

Com os dados obtidos, estabelecemos um quociente que resulta da relação do número total dos mecanismos de coesão utilizados pelo informante pelo número de orações:

$$\text{Quociente} = \frac{\text{Número de Mecanismos de Coesão}}{\text{Número de orações}}$$

Esse quociente foi estabelecido para uniformizar os dados.

Encontramos quantias muito diferentes entre os informantes, conforme:

WP,M,A,E = 218 ocorrências de mecanismos de coesão e 62 orações e

JB,M,A,E = 77 ocorrências de mecanismos de coesão e 22 orações.

No entanto, à medida que calculamos o quociente com os dados acima, chegamos a um único resultado: uma média de 3,5.

Os quocientes encontrados acham-se nas tabelas 9 a 12.

As observações que fizemos sobre os dados e as conclusões a que chegamos baseiam-se na análise dos quocientes elaborados a partir dos dados.

Com os dados das tabelas 1 a 8, além do quociente acima, pudemos comparar a frequência dos mecanismos de coesão, o que nos permitiu chegar a uma ordem decrescente desses mecanismos (tabelas 13 a 16).

Fizemos a soma das ocorrências dos mecanismos de coesão usados na linguagem oral e escrita (ver apêndice), o que nos permitiu a elaboração da tabela 17 que traz os mecanismos de coesão mais utilizados, considerando o sexo do informante.

A tabela 18 foi elaborada a partir da soma das ocorrências dos mecanismos de coesão, considerando a classe social que mais os emprega e em que tipo de linguagem eles são utilizados.

A tabela 19 traz as diferenças entre o maior e o menor quociente (tabela 9 a 12) e a identificação do sexo e classe do informante, bem como o tipo de linguagem.

2. Corpus

2. Corpus

Constam do corpus de nossa pesquisa quarenta textos orais e quarenta textos escritos, sendo vinte de alunos de classe A e vinte de alunos de classe B. Em ambos os casos, temos dez informantes de sexo masculino e dez informantes de sexo feminino.

Nossa pesquisa teve por objetivo encontrar possíveis diferenças entre linguagem oral e escrita quanto à coesão textual e, por isso, quantificamos e comparamos os mecanismos de coesão usados em um estilo coloquial e em um estilo mais cuidado como é a escrita.

Os exemplos citados por nós trazem a identificação do informante através de uma sigla, sexo e grupo social a que pertence e as letras O e E para indicar, respectivamente, linguagem oral e escrita.

Nesta seção do trabalho apresentamos algumas considerações gerais que fizemos referentes às narrativas orais e escritas. São anotações assistemáticas que pouco dizem respeito à coesão textual, mas parecem-nos necessárias dada a sua ocorrência nos textos que constituem o corpus de nosso trabalho.

2.1. Linguagem oral - considerações gerais

Quando fizemos as gravações, entrevistamos outros alunos nossos, além dos quarenta que sevem de informantes para nossa pesquisa. Infelizmente, não foi de todos que conseguimos um depoimento no estilo coloquial: mostravam-se muito formais, só respondendo às nossas perguntas.

Na fase de gravações, tivemos alguns problemas inesperados, como alunos que se recusavam a fazer a entrevista (alunos de classe B, principalmente), alunos que convidavam algum colega para acompanhar a gra

vação. Em compensação, tivemos algumas surpresas, como alunos querendo ser entrevistados, alunos que eram quietos em sala de aula e que na entrevista falavam bastante.

Nas quarenta gravações que constituem parte do corpus, encontramos alguns indícios que caracterizam o código oral:

- 1- o emprego constante de expressões como né e sabe para estabelecer contato com o interlocutor (ver apêndice);
- 2- o emprego das expressões assim e ãhn revelando hesitação por parte do emissor (ver apêndice);
- 3- o uso descaracterizado do adjetivo bom (ver apêndice);
- 4- frequência da interjeição ah (ver apêndice)
- 5- presença de frases interrompidas;
- 6- presença de onomatopéias.

2.1.1.

As expressões né e sabe funcionam como mecanismos de contato entre o falante e o ouvinte: o emissor usa-as para chamar a atenção do interlocutor, para torná-lo mais interessado na narrativa.

Na análise de um texto oral, Genouvrier e Peytard declaram que:

"as expressões quer dizer, agora, né, etc, via de regra, não trazem um sentido preciso à mensagem, mas funcionam antes como uma "pontuação oral", ao mesmo tempo que sollicitam a atenção do interlocutor; é

a presença deste último que provoca esses empregos de quer dizer, 'né, agora; sem a presença do interlocutor haveria poucas chances de que essa "pontuação oral" se realizasse".

A presença do interlocutor é fator constitutivo da narrativa oral e é natural que o emissor queira a sua atenção. Em nossa pesquisa, os dados revelam que:

1- A classe A apresenta uma maior número de ocorrências da expressão né (A - 114; B - 71). Exemplos:

(2.1) (EV,F,A,0) - "... a porta do quarto da minha tia tava aberta e nós, né, ah, eu e minha irmã pensamos em escondê lá dentro, né ..."

(2.2) (MB,F,B,0) - "... levô um baita de um susto, né ... porque era noite, né..."

2- As meninas, tanto de classe A como de classe B, empregam mais frequentemente a expressão né:

	Masc.	Fem.
Classe A	34	80
Classe B	19	52

Obs. - Entre as informantes de classe A, três apresentam um índice bastante alto de ocorrência de né (LZ - 15, PV - 17, RA - 14) e somente uma informante de classe B apresenta tal índice (RO - 15).

A expressão né é uma contração de não é.

No corpus de nosso trabalho, encontramos uma única ocorrência de não é (RA,F,A).

3- A classe B apresenta uma maior frequência da expressão sabe (A - 5; B - 29).
Exemplos:

(2.3) (AA,F,B,0) - "... e deu terra lá em Santos, sabe, um pedaço de terra e... construiu uma casa..., enorme, sabe.."

(2.4) (CJ,M,B,0) - "... ele fez assim, sabe ... empurrô a porta assim..."

4- Novamente, são as meninas, tanto de classe A como de classe B, que empregam mais frequentemente a expressão de contato sa be:

	Masc	Fem.
Classe A	-	5
Classe B	10	19

Obs - As dezenove ocorrências da expressão sabe entre as meninas de classe B foram feitas por apenas duas informantes, VL e AA, sendo que esta última empregou quinze vezes a referida expressão.

5- Encontramos também como expressões de contato as formas verbais viu e entendeu (uma ocorrência de cada). Exemplos:

(2.5) (VL,F,B,0) - "Na hora a gente entendia, né... e ... assim ... aqui, eu gosto muito daqui, viu ..."

(2.6) (PC,M,A,0) - "Aí eu fui indo ... tava vendo as pombas que tem lá em casa, "

entendeu, uma mulher gritô ..."

2.1.2.

Além da presença dessas expressões que estabelecem contato com o interlocutor, encontramos nos textos orais certas expressões que revelam hesitação por parte do emissor: ãhn e assim.

A expressão ãhn foi usada duas vezes por informantes de classe B e quatro vezes por dois informantes de classe A (um informante usou três vezes a referida expressão). No corpus de nosso trabalho, não há nenhuma vez o emprego de tal expressão por uma menina. Exemplos encontrados:

(2.7) (NC,M,A,0) - "... e a gente enchia de água ... ãhn ... tampava assim co'a mangueira, assim, pa água num sai".

(2.8) (RA,M,B,0) - "Toda vez que ele traz a Kombi ... ãhn ... aqui em Itatiba ..."

A expressão assim foi bem mais usada do que o ãhn para indicar a hesitação dos informantes, conforme os dados:

	Masc.	Fem.
Classe A	29	24
Classe B	5	34

Chama-nos a atenção a pouca frequência de assim entre os informantes de sexo masculino da classe B.

Alguns exemplos encontrados:

(2.9) (JB,M,A,0) - "Lá é legal, num tem ... muito ..., tem espaço, assim, pa brin

cá ... cavalo".

- (2.10) (VL,F,B,0) - "... lá eu gosto por causa de divertimento... assim ... podia corrê, brincá. E aqui eu gosto mais porque ... assim ... o trabalho não' é muito como lá, no sol."

2.1.3.

A palavra bom é um adjetivo; no entanto, encontramos nove vezes a palavra bom usada com sentido ' diferente do adjetivo; por exemplo, em início de narrativas orais:

- (2.11) (CN,M,A,0) - "Bom... era uma vez, né ... de noite ... então, tava chovendo. Era época de Natal..."
- (2.12) (CC,F,A,0) - "Bom ... eu fui em janeiro ..."
- (2.13) (VL,F,B,0) - "Bom, aqui eu acho melhor ... lá eu gosto ... "
- (2.14) (MB,F,B,0) - "Bom, uma fulia foi ... eu, meus irmãos e meus primos ... ' que era noite de São João ..."

Os exemplos acima são as quatro ocorrências de bom no início das narrativas, assim distribuídas:

	Masc.	Fem.
Classe A	1	1
Classe B	-	2

A palavra bom foi usada como conjunção por um informante:

(2.15) (NZ,M,B,O) - "Ela é brava ... bom, ' em aproveitamento enquanto não tem ninguém em casa ..." (bom = mas, conjunção coordenada)

Houve também o emprego de bom para fazer uma ressalva, uma pequena correção:

(2.16) (CC,M,A,O) - " ... eu fui em janeiro, bom, no fim de janeiro ... em fevereiro "

(2.17) (NZ,M,B,O) - "Agora, meu pai não, meu pai é bom ... bom ... é bom ..."

Nesse último exemplo, a entoação é bastante expressiva e a palavra bom equivale a "quer dizer".

A palavra bom foi empregada, também, como uma partícula expletiva em:

(2.18) (NP,M,B,O) - " ... ele chega, ele xinga minha mãe ... ah, me esquentei, né.

Falei: bom, mais uma eu espero ocê lá fora ... bom, xingô de novo ..."

2.1.4.

Em nosso trabalho, encontramos a seguinte frequência da interjeição ah:

	Masc.	Fem.
Classe A	9	2
Classe B	10	5

A gramática normativa ensina que interjeição é a palavra que exprime emoção e que ela é classificada de acordo com o sentimento que ela exprime. Ro

cha Lima classifica ah como sendo interjeição de alegria; Celso Cunha a classifica também como interjeição de espanto ou surpresa.

Nossos exemplos nem sempre trazem a interjeição ah exprimindo alegria, conforme:

(2.19) (NZ,M,B,O) - "Ah, mas o que eu posso fazê? Eu gosto de brincá, de saí ' por aí ... ah, não pode fazê nada .. ah, eu vô ..."

(2.20) (CJ,M,B,O) - " ... faz o caixa e ela lá ... ah, já tentaram roubá aí.."

O informante PC,M,A usou oito vezes a interjeição ah em sua narrativa oral:

(2.21) "Ah, quando eu cortei o pé ... ah .. foi ... deixa eu vê () Ah, eu pi sei dentro de um buraco ... pesquisá, assim, a natureza ... ah, observá a ' natureza. Ah, eu levantei, me tro - quei ... () pisei no vidro ... cor tô ... ah, fiquei com o dedão sangran do () cheguei no hospital, comecei' a chorá porque ia dá ponto ... ah, no fim ... daí, né ... () ah, daí mandô ficá de pé..."

2.1.5.

Um outro traço típico da linguagem oral é a frase interrompida. O informante está contando um caso, inicia uma oração e não a termina, preferindo dar' outro enfoque à questão, conforme:

(2.22) (RO,F,B,O) - "Eu tenho uma cachorri - nha, então ela chama Tuquinha ... En tão a Tuquinha é baixinha, tem uns ' "

três, quatro anos ... ela é ... ela
é ... tem pelinho claro ..."

Nesse exemplo, temos o sujeito seguido de um verbo de ligação sem o termo que iria qualificar o sujeito. A oração completa seria "ela é clara".

(2.23) (NM,M,A,O) - "Eu me afogava e ela ..
quando vinha a onda, sei lá, ela ia '
 por baixo d'água ... e logo vinha ou
 tra onda ... "

(2.24) (EG,F,A,O) - "Quando ela morreu, mi-
 nha avó, é ... já faz seis anos, né,
 ... e meu avô já fez três anos que '
meu bisavô tá morto, né. Ele ... '
 nós ... fomos no enterro dela, como '
 ..."

Genouvier e Peytard declaram que

"uma mensagem oral apresenta como traço marcante um tipo de frase inusitado no código escrito: certas frases começam e são depois bruscamente interrompidas. Muitas vezes há a interrupção por parte do interlocutor, que já compreendeu o sentido da frase antes que fosse proferida integralmente e por isso já faz uma réplica."

Para os autores, esse "truncamento frástico" pode ser considerado um traço específico do código oral, já que requer, para ocorrer, uma situação em que o locutor e interlocutor estejam face a face.

2.1.6.

A presença de onomatopéias foi detectada apenas nas narrativas orais.

A onomatopéia segundo Cegalla, " consiste ' no uso de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres. É um recurso de harmonia imitativa. Exemplo:

"Pedrinho, sem mais palavras, deu rédea e, '
lept! lept! arrancou estrada afora."

No nosso trabalho, encontramos poucas onomatopéias, mas elas são bastante expressivas e tornaram o texto mais vivo, mais ágil, conforme:

(2.25) (WR,M,B,O) - "Ah, uma vez ... nós ta
va ... brincando de carrinho de rola
mã ... () e a gente ia lá e ficava
VRÁ , VRÁ, VRÁ ... "

(2.26) (EO,M,A,O) - "Chegô lá, viu uma luzi
nha, todo mundo trraá, raá, sai cor
rendo todo mundo; então, tem que su
bí uma escadona - um atrás do ou
tro, ain, ain, ain, Chegô lá em ci
ma, ain, ain, ain, "mãe, tem uma luz
lá embaixo, mãe".

(2.27) (DP,M,B,O) - "... meu pai põe sempre
o passarinho fora e começa tique-di
que-tique ... "

Além das onomatopéias, os textos orais apre
sentam recursos como a entoação:

(2.28) (MA,F,B,O) - "Faz cada arte! Hum!...
quebra a louça ..."

(2.29) (MR,F,B,O) - "Depois voltamo ... ah,

que forfé, dona, pá achá a saída ...
Meu colega ..."

- (2.30) (NZ,M,B,0) - "Eu não sabia andá, né'
... ai, ai, ai, ... cada tombo! mas'
é que a turma ..."

Algumas vezes, a risada é reveladora, serve de traço expressivo, como em:

- (2.31) (RA,M,B,0) - " ... perguntô o que '
ele tinha - tô pingueiro - ele con-
fessa ... "
- (2.32) (LP,F,A,0) - "A árvore era pequena, '
sabe, fraca, só ficou o tronco da ár-
vore."

Os informantes empregaram as expressões '
Credo, Nossa, Nossa Senhora! como recurso expressivo:

- (2.33) (EV,F,A,0) - "Daí, pegô e tirô nós..'
lá de dentro. Credo! Minha mãe ..."
- (2.34) (MB,F,B,0) - "... e começô a pegá fo-
go lá ... Nossa, então precisamos a-
pagá ..."
- (2.35) (JB,M,A,0) - "Truxe escondido no car-
ro, né, porque se minha mãe pegasse,
Nossa Senhora!"

Há, nas narrativas orais dos informantes, '
modalidades diferentes de voz, como em:

- (2.36) (LZ,F,A,0) - "A minha nona falô que'
ela ... "é por causa disso, né, que'
ela mudô pra cá, né." Mas eu falei'
pra minha nona ..."
- (2.37) (WR, M,B,0) - " ... depois o home '
"

saiu pra fora lá e falô "não quero 'guiando aqui ... de noite é eu que 'trabalho" ... não sei o que ..."

2.1.7.

Encontramos nas narrativas orais dois exemplos que não ocorrem na linguagem escrita. Neles, o emissor pergunta a si mesmo e em seguida dá a resposta, que permite a continuação da narrativa:

(2.38) (PV,F,A,0) - "E eles ... como num 'vinha rápido, o navio, ficaram jogando sacas de ... de milho, arroz, essas coisas que vinham pra ele comer, né ... e eles poderem como se 'diz? navegar ... "

(2.39) (NP,M,B,0) - "Eu peguei - com quem 'qui eu tava? ... Ah, foi com o Torso - peguei falei assim ..."

No corpus de trabalho, temos exemplos reveladores de gestos usados pelos informantes durante a gravação:

(2.40) (JB,M,A,0) - "Ah, ele tem ... é desse tamanho assim; peguei ele, ele 'era desse tamanho, pequenininho, miudinho, né ..."

(2.41) (LC,M,B,0) - "... na hora que sobe , faz assim, por cima ... a gente vê' ela passa por cima ..."

(2.42) (DP,M,B,0) - "A gente colocava a unha lá dentro, ele vinha coçá aqui o dente morreu () depois, coloquei 'ele assim no braço, pra ficá assim.."

ele endureceu de um jeito assim parecia que tava embalsamado".

2.1.8.

Alguns alunos introduzem o final da narrativa dizendo por exemplo:

(2.43) (CN,M,A,O) - "Levei uma surra da minha mãe ... nunca mais fui passeá ' com o Papai Noel".

Há dois casos em que os informantes terminam a narrativa de um modo bem explícito:

(2.44) (AV,M,A,O) - "Eu vô todo dia tratá ' dele ... e pronto".

(2.45) (NP,M,B,O) - "Depois seu Floriano ' saiu, dei no pé ... eu e o Hansel, ' os dois virô pó ... só".

2.2. Linguagem escrita - considerações gerais

Os textos escritos, por serem de natureza ' diversa dos textos orais, não apresentam frases interrompidas e, naturalmente, não apresentam expressões como assim e ãhn, que revelaram hesitação por parte do emissor na linguagem oral.

Há uma única ocorrência de período incompleto, mas a informante, uma menina de classe A, rompeu a estrutura sintática para criar suspense:

(2.46) (EV,F,A,E) - "Desseu a ladeira, em ' uma velocidade tremenda ela estava ' voando. Sem querer entrou em uma ' corrida de skate, utrapaçou todos os

corredores e ...

Lá estava ela com um belo troféu sem saber exatamente o que aconteceu naquela manhã".

Trata-se de um recurso estilístico.

A linguagem escrita permite uma realização mais "correta" do modelo linguístico, pois o emissor pode dar mais atenção à sua atuação linguística; ele pode corrigir a sua performance.

RO, uma informante de classe B, apresenta uma narrativa oral bem diferente da narrativa escrita que faz sobre sua cachorrinha:

(2.47) (RO,F,B,O) - "Eu tenho uma cachorrinha, então ela chama ... Tuquinha .. Então a Tuquinha é baixinha, tem uns três, quatro anos ... ela é ... ela é ... tem pelinho claro ... então, quando eu ... assim, quando eu chego, ela vem, pulando em cima de mim, né ... então, quando ... assim, eu deito assim no ... chão assim, né ... ela fica pulando em cima da gente, né ... aí ... quando ... quando ela vem comê ... ela ... o preferido dela é carne ... então, se a gente coloca ... assim, arroz ... com carne, molhinho de feijão assim ... é o ... ela vai catando, vai ciscando, come toda a carne, né ... então, quando não tem ... assim, passa cachorro na rua ... ela vai atrás, a gente tem que corrê p'ra pegá ela. Aí, quando ... quando ... assim... meu pai chega, ela faz uma folia, fica pulando. Não pode ouvi carro na rua que já fica aflita, né ... aí, quando assim ... ela quando vai ... tomá banho assim - ela - tem que dá ba -

nho nela ... às vezes sou eu, às vezes é minha sobrinha, assim, né, começa a pulá, esperneá ... aí ela num ... assim, fica com medo da água, né".

Na redação, a informante mostra-se mais formal, apresentando um estilo mais cuidadoso, conforme:

(2.48) (RO,F,B,E) - "A minha melhor amiga é o meu animalzinho, que se chama tuquinha.

Eu a considero a minha melhor amiga por que quando estou na fossa, isto é, quando estou triste, eu desabafo com ela.

E, eu sinto que ela também quer me dizer, alguma coisa.

Por isso eu digo que ela é a minha melhor amiga.

Isto que é amigo, não!

Ah! como é bom ter amigos, não!"

Pelo confronto dos dois textos, percebemos claramente a variação estilística: no texto oral, a informante emprega o estilo coloquial, fala com envolvimento, enquanto que no texto escrito, a informante usa o estilo refletivo, "fala" mais formalmente; portanto, RO adequou a sua linguagem ao meio em que se realiza a mensagem.

2.2.1.

As redações dos informantes apresentam, geralmente, um título.

Como já relatamos, nem todas as redações são sobre o mesmo tema.

Na aula de redação, procuramos motivar o aluno para a escrita e sugerimos títulos que vão de en-

contro aos seus interesses: "O meu melhor amigo", "Minha família", "Meu trabalho". Sempre deixamos um tema em aberto, o chamado tema livre.

Analisando o título das redações e o seu relacionamento com a narrativa, propriamente dita, encontramos redações que trazem o primeiro e o último parágrafos intimamente relacionados com o título, apresentando, inclusive, as mesmas palavras, conforme:

(2.49) (MO,F,B,E) - "Minha família
Em minha família nós somos em 10 4
irmãos e 5 irmãs.
(...)
Minha família é unida e feliz"

(2.50) (MB,F,B,E) " uma festa grande
Nunca me esquecerei daquela grande '
festa que houve naquela casa (...) Essa
foi uma grande festa".

Há redações em que somente o primeiro parágrafo possui um relacionamento bastante coesivo com o título, conforme:

(2.51) (NZ,M,B,E) -"Um pobre amigo
Um dia quando estava passando na rua
olhei na sargeta e vi um pobre animal
zinho endefezado (...) Então o cachor
rinho fugiu - corri para ver se eu
achava. Nada depois de horas cança
do, voltei para casa e levei aquela'
surra."

Algumas vezes, não há um relacionamento tão evidente entre o primeiro parágrafo e o título como nos exemplos acima e só o último parágrafo é que justifica o título, como em:

(2.52) (CJ,M,B,E) - "FAMEB - campeã em São
Paulo.

No ultimo domingo teve em São Paulo' na radio record o XXI campeonato nacional de fanfarras e bandas. Havia 42 fanfarras. Na vencedora do ano ' passado foi Atibaia.

(Em seguida, o informante narra a ' viagem, a torcida, etc.)

O resultado seria dado só no dia seguinte.

No dia seguinte quando cheguei na escola as 7.20 recebi a noticia foi uma festa e tanto com os componentes' da fanfarra Manuel Euclides de Brito".

Em (2.52), quando CJ fala de "uma festa e ' tanto", conclui-se que a fanfarra ficou campeã em São' Paulo, como ele disse no título.

Analisando o título das redações e o seu relacionamento com o primeiro e último parágrafos, observamos os seguintes dados:

	título, 1º e último	título e 1º §	título e último §	1º e último	1º e último §§ relacio- nados	S/títu lo	To- tal
Classe A	M 1	1	1	-	1	6	10
	F -	2	3	2	-	3	10
Classe B	M 5	2	2	-	-	1	10
	F 9	-	1	-	-	-	10

A partir do quadro acima, concluímos que os alunos de classe A e B têm um comportamento distinto diante da escrita, a começar pela presença ou ausência do título da redação: de vinte alunos de classe A, nove não colocaram título (6M, 3F) enquanto que dos vinte alunos da classe B, somente um não colocou título em sua redação (1 Masc).

Um resultado significativo é a respeito do relacionamento entre o título, o 1º e o último parágrafos - enquanto só um aluno da classe A apresenta esse esquema na redação, 14 alunos de classe B apresentam esse desenvolvimento.

Os alunos da classe A, com exceção de um, não seguem o esquema do título, 1º e último parágrafos relacionados. Inclusive nove deles - nem apresentam título e, mesmo assim, suas redações são bem desenvolvidas. É como se eles questionassem "por que colocar um título na redação? por que colocar esse título na redação?".

Analisando os dados sob a variante do sexo dos informantes, encontramos um comportamento distinto:

a) os meninos de classe A são mais livres do que os meninos de classe B, pelo menos em relação ao esquema título, 1º e último parágrafos: 5 alunos da classe B seguiram esse esquema, enquanto que só um da classe A o fez; 6 alunos da classe A apresentam sua redação sem título, enquanto que só uma redação de classe B não apresenta título;

b) as meninas da classe B são bastante convencionais: das dez, nove seguiram o referido esquema e nenhuma deixou a redação sem título; nenhuma aluna de classe A seguiu este esquema, e três delas apresentaram a redação sem título.

A ausência do título pode ter sido esquecimento dos alunos, mas a quantia das redações (10 em 40) e a sistematicidade (9 em 20 redações de classe A) fazem-nos pensar que essa ausência do título foi

intencional.

2.2.2.

Encontramos nas redações, tanto dos alunos de classe A como de classe B, problemas de ortografia, acentuação, pontuação e concordância.

Os erros de ortografia são muito frequentes e de diferentes tipos: derrepente ensina campeonato' quaze vingindo escursão doctor ascistir porição umilde, etc. Algumas dessas grafias erradas podem ser justificadas pela fonologia, como "quaze", "umilde", "doctor". Há casos em que as palavras não estão escritas por inteiro, como: sufiente (suficiente), emprega (empregada), me (meu), do (dona). Há uma única redação com um só erro de ortografia (EB,F,A,E): fasia (fazia).

As regras de acentuação nem sempre são respeitadas e surgem, então, casos como: rápido saíram' trofeu pega-lo premio tambem dificil certo agora.

Nas redações, encontramos casos em que não há a devida concordância entre o sujeito da oração e o verbo do predicado:

(2.53) (PC,M,A,E) - "Certo dia na escola veio uns componentes do centro cívico falando ..."

(2.54) (CN,M,A,E) - "Cada um tem o direito de escolher sua profissão pois são livres para isso."

(2.55) (PV,F,A,E) - "... como eu e meu não queria que ele ficasse ..."

(2.56) (VL,F,B,E) - "... minhas irmãs são e ducadas e sabe o que fala."

(2.57) (DP,M,B,E) - " ... e as pessoas deve confiar no seu país."

Há também casos em que não se dá a concordância nominal, conforme:

(2.58) (MA,F,B,E) - "Piloto todos os dia e-le acorda 6 horas da manhã ..."

(2.59) (MB,F,B,E) - "... vários presentes, uma mais lindo que o outro".

(2.60) (WS,M,B,E) - " ... jogos já realiza-dos, partidas muito importante para a seleção do Brasil ..."

Os alunos de classe A apresentam alguns desvios de concordância nominal, mas diferem dos casos dos alunos de classe B, conforme:

(2.61) (NM,M,A,E) - "... acheia na rua ..."
(em que a refere-se a um periquito).

Há casos em que o advérbio (palavra invariável) é flexionado para concordar com o adjetivo:

(2.62) (HP,M,A,E) - "... saíram muitos zanga-dos".

(2.63) (LZ,F,A,E) - "Nada mãe! respondeu meia ressabiada".

Pelos exemplos citados, notamos uma clara divergência entre os informantes das classes sociais quanto ao desvio da aplicação da regra de concordância nominal: os alunos de classe B nem sempre aplicam a referida regra ("partidas muito importante") enquanto que os alunos de classe A aplicam-na em excesso ("muitos zangados", "meia ressabiada").

Quantificamos os "erros" de ortografia, acen

tuação e concordância das redações dos alunos e pudemos tabular os dados: ³⁰

	A		B	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
ortografia	47	31	45	48
acentuação	34	15	43	42
concordância				
nominal	3	1	6	15
verbal	4	3	2	14
Total	88	50	96	116

Os alunos de classe B apresentam uma quantidade maior de erros em todos os aspectos analisados.

A diferença maior está no comportamento das meninas: as de classe A são as que apresentam o menor número de erros, enquanto que as meninas da classe B apresentam o maior número de erros, 50 e 116 respectivamente.

O alto índice da falta de concordância nominal e verbal nas redações dos alunos de classe B pode ser explicado como sendo um reflexo do registro linguístico desses alunos e também revela uma narrativa em estilo coloquial. Alguns alunos de classe B, pelo menos na fase de pré-adolescência, têm uma atuação linguística na escrita muito próxima do estilo coloquial; suas narrativas quase não apresentam alterações de estilo, conforme:

(2.64) (AV,M,B,E) - "Eles estava Quase chegando lá ..."

(2.65) (MA,F,B,E) - "... e da dentadas nas visita ..."

"... e vai dar uma volta, no jardim ver seus amiguinho e depois vai dormir".

(2.66) (RP,F,B,E) - " ... fiquei emprega la um mês e meio, mas precisei sair por que eles falaram que não ia me regis|trar, porque ficava caro para eles.."

Em duas redações de alunos de classe A, há vestígios da linguagem oral:

(2.67) (EO,M,A,E) - "... e foi para de costa no chão".

(2.68) (EG,F,A,E) - "Uma velhinha ia andando com um embrulho e quando a velhinha viu ela se desequilíbrio e o em-brulho caiu".

2.2.3.

Na linguagem escrita há uma única vez a palavra bom empregada em sentido diferente do seu uso de adjetivo, é no início do último parágrafo da redação de VL,F,B:

(2.69) "Bom agradeço a Deus pela família que tenho que eu me orgulho muito".

A informante VL usou a palavra bom no início de sua narrativa oral.

2.2.4.

A aluna RO, de classe B, apresenta no fim de sua redação duas vezes o advérbio não funcionando como contato:

(2.70) - "Isto que é amigo, não!
Ah! Como é bom ter amigos, não!"

Talvez ela pensasse numa leitura de sua redação para a classe e o emprego do não teria a força' do "né", servindo de contato com os receptores.

A redação de WS, de classe B, também pressupõe a leitura em sala de aula, porque ele escreve:

(2.71) - "Vou torser para que o Brasil ganhe, torsam também, todos esperam que o Brasil ganhe".

2.2.5.

Há redações que apresentam um numeral indevido, porque os informantes se enganaram na aritmética:

(2.72) (MO,F,B,E) - "Em minha família somos em 10 4 irmãos e 5 irmãs.
(...)

Meu pai trabalha de motorista (...)'
minha mãe é doméstica ..."

(2.73) (WR,M,B,E) - "Enfim eu levei o coe - lho para meu amigo rigolo mas ele queria matalo e eu tinha do do bixinho e levei o bixinho para outro amigo e vendi por 30 cruzeiros os dois".

Há um exemplo curioso em que o aluno, falando de um jogo, emprega o termo torcedor em vez de jogador:

(2.74) (NP,M,B,E) - "Os torcedores já estão falando que se o campo de mar deu 'plata estiver melhor vão fazer o melhor jogo."

Há uma redação que apresenta uma construção

toda truncada:

(2.75) (CC,F,A,E) - "Brincavamos no quintal de correr de minha casa e ..."

2.2.6.

Duas redações de alunos de classe A apresentam uma particularidade - a narrativa estava sendo feita em primeira pessoa e passa a ser feita em terceira pessoa.

(2.76) (NM,M,A,E) - "Cheguei em casa; minha mãe lavava roupa e percebeu eu entrar e perguntou:

- Nilton, o quê tem nas mãos?

(...)

- Não é nada, mamãe.

(...)

- Deixe eu ver. Falou a mãe preocupada.

(...)

Não demorou muito tempo o periquitinho sarou e ficou um grande amigo do menino que trouxe sua vida".

(2.77) (WP,M,A,E) - "Uma vez eu estava voltando da escola ...

Mamãe perguntou

(...)

O menino vingando que estava chorando tentou a última chance:

(...)

A mãe falou ..."

LZ,F,A, em sua redação, se engana na designação verbal uma vez:

(2.78) - Corri em direção ao meu quarto, ' mas mamãe me chamou.

1ª pessoa

- Nada mãe! respondeu meia ressabiada.

3ª pessoa

2.2.7.

Três redações de alunos de classe B trazem uma ilustração relacionada ao tema desenvolvido:

a) NP fala de uma partida de futebol da seleção brasileira e desenha a bandeira do Brasil após o último parágrafo, "Pra frente Brasil estamos todos juntos";

b) LC desenha, ao lado do título Minha família, um menino de boa aparência;

c) RA desenha, ao lado do título Argentina' 78, o símbolo da Copa do Mundo realizada naquele ano.

A redação de CJ, também aluno de classe B, apresenta o título escrito em vermelho, com as letras sombreadas e o último parágrafo é destacado da redação porque ele deixou um espaço e grifou as palavras.

2.2.8.

As redações apresentam com frequência erros de pontuação, sendo que em uma delas não há um único sinal de pontuação, conforme:

(2.79) (FH,M,B,E) - "Bobi e um camzinho mui

to inteligente tem 3 mezes de vida ' ele é Branco com manchas pretas O que ele mas gosta é assistir televi zão ele tem o seu canto favorito que é a ponta do sofa ele também gosta.."

2.2.9.

Quanto ao final das redações, encontramos um único exemplo como:

(2.80) (WR,M,B,E) - "Esta foi a minha estória".

Há parágrafos que transmitem ensinamentos:

(2.81) (AV,M,B,E) - "Não devemos mentir, me tira tem perna curta".

(2.82) (RC,F,B,E) - "Ah! Como é bom ter amigos, não!"

3. Coesão textual e seus mecanismos

3.1. O conceito de coesão

No livro "Cohesion in English", Halliday e Hasan apresentam os fundamentos dos conceitos de texto e coesão textual.

Texto é definido como "qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que forme um todo unificado".

Ele pode ser oral ou impresso, em prosa ou em verso, desde um simples provérbio a um tratado filosófico.

Um texto não é simplesmente uma sentença, não é uma unidade gramatical ou de forma.

A partir da definição dada por Halliday e Hasan, o texto deve ser entendido como uma unidade semântica.

Qualquer falante nativo reconhece um todo unificado de uma coleção de sentenças não-relacionadas de sua língua. Ou seja, ele reconhece um texto de um não-texto em sua língua.

A diferença entre um texto e um não-texto é a presença de tecitura no texto.

O conceito de tecitura deve ser entendido como o relacionamento (entrelaçamento) entre dois ou mais elementos no texto.

Em um texto, há traços linguísticos presentes que podem ser identificados como contribuintes de sua unidade total e fornecedores de sua tecitura, conforme:

(3.1) João chegou tarde. Ele perdeu o ônibus.

Está claro que ele na segunda oração refere-se a João da primeira oração. Essa função anafórica do pronome ele estabelece coesão entre as duas orações e, assim, nós as interpretamos como um todo; as duas orações juntas constituem um texto.

Nesse exemplo, a tecitura é estabelecida pela relação coesiva que existe entre ele e João. É importante frisar esse ponto, porque a coesão não aconte

ce somente pela presença do pronome ele e sim pela presença dos dois itens: o item referente (ele) e o item a que se refere (João).

Qual é o sentido da relação coesiva entre os termos ele e João, em (3.1)? O sentido é que ambos se referem à mesma pessoa. Os dois itens são idênticos quanto à referência, são co-referenciais.

É necessário lembrar que não é só o pronome que estabelece coesão, conforme:

(3.2) João chegou tarde. João perdeu o ô
nibus.

Em (3.2) a coesão se estabelece pela reiteração da palavra João.

Entendida a tecitura como a relação coesiva entre dois ou mais termos do texto, Halliday e Hasan empregam o termo laço (tie) para se referir ao instante singular em que ocorre a coesão.

Temos, então, que laço designa a ocorrência de um par de itens relacionados coesivamente.

Assim, em (3.1), a relação entre João e ele constitui um laço; em (3.2) a repetição de João é um laço coesivo.

Nós podemos encontrar diferentes tipos de laços em um texto, conforme os exemplos (3.1) e (3.2). Nos dois exemplos, percebemos que os laços coesivos de uma relação se estabelecem entre dois elementos.

Para Halliday e Hasan, há cinco tipos de laços coesivos: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. (Estudaremos, mais adiante esses mecanismos de coesão).

À medida em que um laço é empregado, relacionando-se a um outro termo presente no discurso, estabelece-se a coesão textual.

Esta coesão textual ocorre onde a interpretação de um elemento do discurso é dependente de outro: um pressupõe o outro, no sentido de que um elemento não pode ser efetivamente decodificado sem se recorrer ao outro. Quando isso acontece, a relação de coesão é estabelecida e os dois elementos, o pressuposto

e o que pressupõe, estão integrados no texto. Em (3.1), por exemplo, ele pressupõe João, que é o termo pressuposto.

Este conceito de pressuposição, bastante simples e elementar, é uma outra maneira de se entender a noção de laço coesivo.

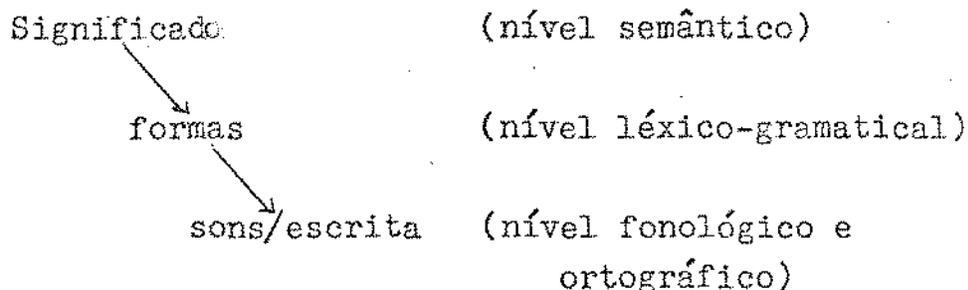
3.1.1. Coesão e estrutura

A coesão é uma relação semântica, mas é expressa pela organização estrutural da língua.

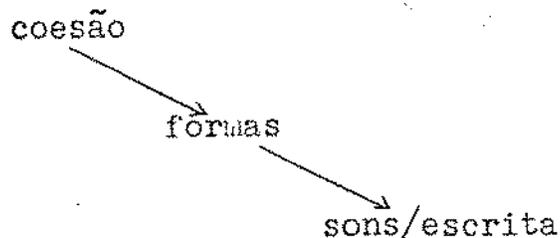
A língua é uma estrutura que apresenta três camadas: o nível semântico, o nível léxico-gramatical e o nível fonológico-ortográfico.

Os significados são realizados como formas (vocabulário, por exemplo), e as formas são realizadas como expressões.

Graficamente temos:



Como a coesão é uma relação semântica, temos que:



Isso nos permite dizer que a coesão é expressa parcialmente pela gramática e parcialmente pelo vocabulário.

Para Halliday e Hasan, a referência, a elipse e a substituição são mecanismos gramaticais, enquanto que a coesão lexical se estabelece pelo léxico. A conjunção é um mecanismo intermediário, porque apresenta um componente lexical em si, apesar de ser basicamente gramatical.

No entanto, um texto não é uma unidade estrutural e a coesão não é uma relação estrutural.

A estrutura estabelece uma relação unificadora e por isso as partes de uma sentença são coesivas. Todas as unidades gramaticais são internamente coesivas porque elas são estruturais, fazem parte de uma estrutura.

Com isso, podemos concluir que a estrutura é um meio de expressar a estrutura.

No entanto, somente alguns instantes de coesão podem ser tratados estruturalmente: quando os dois itens, o pressuposto e o que pressupõe, ocorrem dentro de uma mesma sentença.

E temos que considerar que um texto normalmente é maior do que uma sentença, portanto, ultrapassa os limites das relações estruturais, como normalmente elas são concebidas.

É essa colocação que nos leva a aceitar o conceito semântico de texto proposto por Halliday e Hasan.

Para eles, a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que é crucial para a sua interpretação.

Ou seja, a coesão ocorre quando a interpretação de algum termo do discurso é dependente de um outro elemento. Como vimos em (3.1), o termo ele só é decodificado pela presença do termo João. Ele e João são termos relacionados por coesão, são termos que estabelecem relações coesivas entre si.

Coesão refere-se ao conjunto de possibilidades que existem para unir um termo com aquilo que foi dito antes. Coesão é, segundo Halliday e Hasan, o conjunto de recursos semânticos para unir uma sentença com o que foi dito antes.

Em seu trabalho, os autores visam mostrar ' como sentenças que são estruturalmente independentes ' podem ser unidas por meio de traços particulares para' sua interpretação.

Esses traços (reiteração, omissão, por exem plo) permitem classificar tipos distintos de relações' coesivas: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical.

O falante pode escolher como relacionar os' elementos de sua narrativa:

(3.3) Vi Márcia ontem. Ela estava bem ves tida.

(3.4) Vi Márcia ontem. Márcia estava bem' vestida.

(3.5) Vi Márcia ontem, estava bem vestida.

Em (3.3), optou-se pela referência; em ' (3.4), o falante preferiu a reiteração do termo do ter mo Márcia - coesão lexical; em (3.5), houve a omis - são do termo na segunda oração - elipse.

Mas, além de ser esse conjunto de possibili dades existentes na língua para tornar um texto unifi cado, coesão é, também, um processo no sentido de que' é o instante em que se estabelece uma relação entre os elementos de um texto.

3.2. Mecanismos de Coesão

Estudaremos nesse capítulo os cinco mecanis mos de coesão estabelecidos por Halliday e Hasan em ' "Cohesion in English".

Inicialmente, analisamos o mecanismo de coe são (o que é, quais os tipos); em seguida, comparamos' esse mecanismo de coesão no inglês e no português; por último, são indicadas as diferenças encontradas.

3.2.1. Referência

Referência é um tipo particular de coesão, que caracteriza-se pela recuperação de informação.

Quando da referência, a informação a ser recuperada é o sentido referencial, a identidade entre o item referido e o item que refere.

Há certos itens que têm a propriedade de referência, no sentido específico desse termo: em vez de serem interpretados semanticamente, em seu sentido próprio, eles fazem referência a alguma coisa além de sua interpretação. É o caso dos pronomes, como podemos observar no exemplo:

(3.6) Comprei um livro e uma revista.

Essa, já li; aquele, coloquei na estante.

Tanto essa como aquele fazem alusão a um outro termo, respectivamente revista e livro; em outras palavras, há identidade entre essa e revista, entre aquele e livro.

Percebe-se claramente que a referência é uma relação semântica, que vai depender do contexto. Exemplos:

(3.7) (MA,F,B,E) - Quando Piloto ver gente estranho chegando ele já vai mordendo ...

(3.8) (MO,F,B,E) - Tenho um sobrinho que se chama-se Adriano e é muito briguento e eu não gosto dele por que quando ele vem na minha casa ...

É necessário lembrar que podemos encontrar em um texto, algumas vezes, uma referência à situação conforme:

(3.9)- O jardineiro molhou essas plantas?, em que o termo essas remete a "plantas"

que estão em frente a nós".

A partir desse dado, há necessidade de fazermos uma distinção entre referência situacional e referência textual.

Temos referência situacional quando um termo do discurso se refere ao contexto, ao conjunto de fatores extra-linguísticos que acompanham o texto. A referência situacional recebe o nome de exófora (exophora) ou referência exóforica.

A exófora é um tipo de referência que diz respeito a algo que existe fora do texto e, portanto, é dependente do contexto extra-linguístico, uma vez que sem ele não podemos interpretar o que é dito.

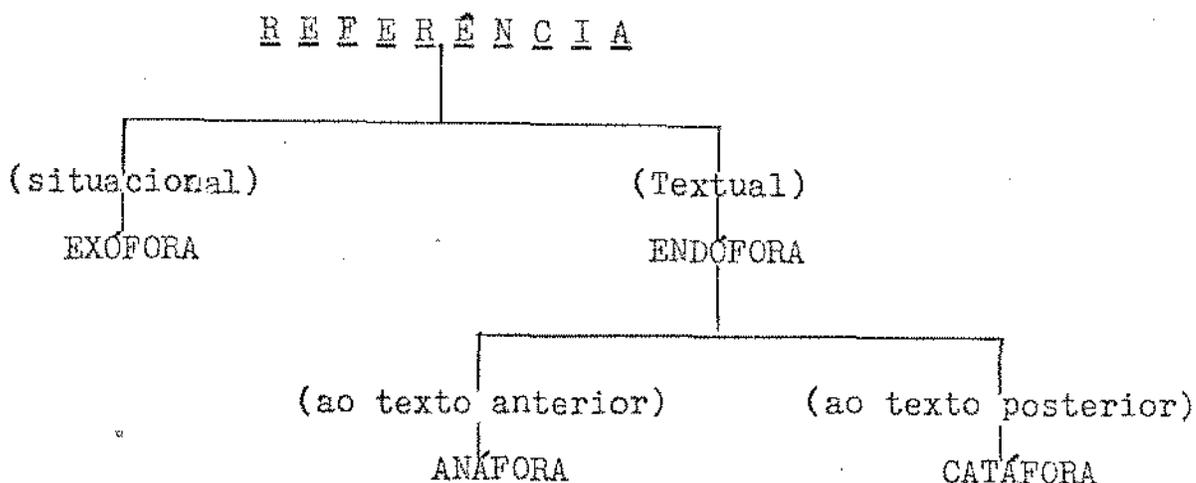
Temos referência textual quando um termo do discurso se refere a outro termo existente no texto. Essa referência textual é chamada de endófora e pode acontecer de duas maneiras diferentes:

- a) fazendo alusão a um termo anterior
(A B) = anáfora
- b) fazendo alusão a um termo posterior
(A B) = catáfora

Para o nosso trabalho, vai nos interessar a endófora, pois estamos considerando o texto e sua coesão interna.

Recapitulando, pode haver alusão a algo fora do texto (exófora) e alusão a algo dentro do texto (endófora).

Halliday e Hasan esquematizaram a exposição sobre referência da seguinte forma:



O esquema acima confirma que a exófora não estabelece coesão no texto, uma vez que se refere ao contexto de situação.

Ela contribui para a criação do texto à medida que relaciona a linguagem com o contexto de situação, mas não contribui para a integração de uma passagem com outra de modo que as duas façam parte do mesmo texto.

Somente a endófora contribui para a integração de uma passagem com outra; ela é coesiva, pois à medida que estabelece uma referência a algo que existe dentro do texto, estabelece a coesão textual.

Resta dizer que um item de referência não é, por si só, exóforico ou endofórico.

3.2.1.1. Tipos de Referência

Há três tipos de referência: pessoal, demonstrativa e comparativa.

Referência pessoal é a referência pelo significado da função na situação da fala, através da categoria de pessoa.

Exemplos:

(3.10) (EP,F,B,O) - "... eu falo pra minha irmã que eu vô brincá co'a menina, "

né ... ela pensa que eu vô brincá de casinha ..."

(3.11) (RA,F,A,O) - "Por causa que o meu ir mão ficou para trás, apesar de eu ' brigar cum ele, assim, eu gosto muito dele, tenho dó dele, né ..."

(3.12) (NZ,M,B,E) - "É um pobre animalzinho endefezou. Minha mãe mandou levá-lo embora".

(3.13) (AV,M,B,E) - "Acabaram de jantar. O pai pegou o Cidi pela mãos e foram ' Eles estava Quase chegando na casa ' do vizinho".

Referência demonstrativa é referência pelo significado de localização numa escala de proximidade.
Exemplos:

(3.14) (CC,F,A,O) - "Fui pá ... Caraguatatu ba, na colônia de férias (...)
E essa última vez que eu fui viajá, ' Caraguatatuba, ..."

(3.15) (RA,F,A,O) - "Nós ... tem um riozinho, ali no campo (...) e tem um riozinho que passa ali, a gente ia todo dia. Ia lá, a gente ficava brincando ..."

(3.16) (MB,F,B,E) - " (...)
Esta foi uma festa divertida.
De todas que eu fui essa é uma que eu recordo e muita bonita.
Essa foi uma grande festa".

(3.17) (WR,M,B,E) - "... era um coelho e eu queria tanto aquele animal para mim' ..."

Referência comparativa é referência indireta pelo significado de identidade, similaridade ou di

ferença. Exemplo:

(3.18) (WR,M,B,E) - "Enfim eu levei o coe -
lho para meu amigo rigolo mas ele que
ria matalo e eu tinha do do bixinho e
leveei para outro amigo e ..."

3.2.1.2. Referência em Inglês

A seguir, apresentamos as tabelas elaboradas por Halliday e Hasan, para mostrar quais os itens que funcionam como laços coesivos nos três tipos de referência.

A- Referência Pessoal, à pagina 38

Categoria Semântica	Existencial		Possessivo	
	Principal		Modificador	
Função Gramatical	nome (pronome)		determinante	
Classe				
Pessoa				
emissor (somente)	I	me	mine	my
destinatário(s), com/sem outra(s) pessoa(s)	you		yours	your
emissor e outra(s) pessoa(s)	We	us	ours	our
outra pessoa, masculino	he	him	his	his
outra pessoa, feminino	she	her	hers	her
outras pessoas, objetos	they	them	theirs	their
objeto; passagem de texto	it		(its)	its
pessoa generalizada	one			one's

B- Referência Demonstrativa, à página 38

Categoria Semântica		Seletivo		Não-seletivo
Função Gramatical	Modificador/ Principal	Adjunto	Modificador	
Classe	Determinante	Advérbio	Determinante	
Proximidade:				
perto	this these	here (now)		
longe	that those	there then		
neutro			the	

C- Referência comparativa, à página 39

Função Gramatical	Modificador: Dêitico/Epíteto	Submodificador/ Adjunto
Classe	Adjetivo	Advérbio
Comparação Geral:		
Identidade	same identical equal	identically
Semelhança	similar additional	similarly likewise so such
diferença (ie - não identidade ou semelhança)	other different else	diffrently otherwise
Comparação Particular	better, more, etc (comparative adjectives and quantifiers)	so more less equaly

3.2.1.3. Referência em Português

A- Referência Pessoal

categoria Semântica	Existencial			Possessivo	
função Gramatical	Principal			Modificador (ou não)	
classe	nome (Pronome)			Determinante	
	eu	me	mim, comigo	meu(s)	minha(s)
	tu	te	ti, contigo	teu(s)	tua(s)
	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela	seu(s)	sua(s)
	nós	nos	nós, conosco	nosso(s)	nossa(s)
	vós	vos	vós, convosco	vosso(s)	vossa(s)
	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas	seu(s)	sua(s)

B- Referência Demonstrativa

categoria Semântica	Seletivo			Não-seletivo	
função Gramatical	Modificador/Principal		Adjunto	Modificador	
classe	Determinante		Advérbio	Determinante	
proximidade:					
perto	[de] [em]	este(s) esta(s)	isto	aqui cá	
longe	[de] [em]	esse(s) essa(s)	isso	aí lá	
longe	[de] [em]	aquele(s) aquela(s)	aquilo	ali acolá	
dentro					o, a, os, as

C- Referência comparativa

Função Gramatical	Modificador: dêitico/epíteto.	Submodificador: adjunto
Classe	adjetivo	advérbio
- Comparação Geral		
identidade	mesmo idêntico igual	identicamente
semelhança	semelhante	semelhantemente igualmente
diferença	outro diferente	de outro modo diferentemente
- Comparação Particular		
Particular	melhor, mais (adjetivos e quanti- ficadores comparati- vos)	tão mais menos assim igualmente

3.2.1.4. Paralelo da referência em inglês e português

Quanto à referência pessoal, a tabela oferecida por Halliday e Hasan traz traços peculiares ao Inglês: it, one e pronome da terceira pessoa do plural sem flexão de gênero.

No caso específico do português, a tabela apresentou diferenças, pois temos que considerar que:

- a) em português, os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos e tônicos;
- b) enquanto o inglês apresenta formas diferentes para os pronomes adjetivos possessivos e pronome substantivo possessivo, o português não varia. Exemplo:

(3.19) - Where is my book? This is your book, that is mine.

Onde está o meu livro? Este é o seu livro, aquele é o meu.

c) os pronomes possessivos, no inglês, concordam com o possuidor. Exemplo:

(3.20) my book, my chair, my books, my ' chairs.

No português, os pronomes possessivos apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor. Exemplo:

(3.21) Meu livro, meus livros, minha carteira, minhas carteiras.

Quanto à referência demonstrativa, encontramos diferenças, pois temos que levar em consideração ' que:

- a) os pronomes demonstrativos, em português, apresentam-se em uma organização tripartida: este(s), esse(s), aquele(s), considerando-se a proximidade em relação ao falante (perto, longe, mais longe).
- b) os pronomes demonstrativos, em português, apresentam variação de gênero: esta(s), essa(s), aquela(s).
- c) os pronomes demonstrativos, apresentam ' formas variáveis e formas invariáveis : isto - isso - aquilo.
Os demonstrativos invariáveis são neu - tros e equivalem, mais ou menos, ao "it" do inglês (it = pronome pessoal, referên

cia pessoal)

- d) os demonstrativos combinam-se com as preposições de e em, tomando as formas: ' deste(s), desta(s), disto ... neste(s), nesta(s), nisto ...

Aquele, aquela e aquilo contraem-se com a preposição a, dando: àquele, àquela, àquilo.

- e) o artigo, em inglês, é invariável; em português, varia em gênero e número (o, a, os, as).

Em ambas as línguas, no entanto, o artigo é um determinante neutro em termos de proximidade. Não indica se algo referido está perto ou longe.

- f) os demonstrativos podem vir reforçados por advérbios, que também apresentam-se numa organização tripartida:

aqui	cá
aí	lá
ali	acolá

- g) Os pronomes relativos também estabelecem por referência, coesão em português.

Variáveis		Invariáveis
Masc.	Fem.	
o qual, os quais	a qual as quais	que
cujo cujos	cuja cujas	quem
quanto quantos	quantas	onde

Exemplos:

(3.22) (FH,M,B,E) - "... ele tem o seu canto

favorito que é a ponta do sofá ..."

- (3.23) - O menino, cujo pai é bom, chegou.
Quanto à referência comparativa,
Temos que dizer que, em português,
alguns desses itens apresentam fle
xão de gênero, cmo por exemplo

idêntico	idêntica
mesmo	mesma

3.2.1.5. Referência e pronome relativo

Em nosso trabalho, o pronome relativo foi
quantificado como um laço coesivo pois o seu emprego é
uma referência a um termo antecedente, como em:

- (3.24) (LC,M,B,E) - "... trabalho de guardi
nha que é um trabalho muito bom, ago
ra vem a vez da caçula que se cha -
ma ..."
- (3.25) (LC,M,B,O) - "... põe as pecinha na
mãozinha que tem um ganchinho ..."
- (3.26) (RA,F,A,E) - "O comprimido era menho
ral que a vovó lhes arranjou"
- (3.27) (RA,F,A,O) - "E tem um riozinho que
passa ali ..."

Pelos exemplos acima, fica claro que o pro-
nome relativo contribui para a coesão textual, ligando
duas orações que tenham um referente comum, o qual tem
a sua significação reproduzida pelo pronome.

O único pronome relativo empregado por nos-
sos informantes é o que. Os pronomes relativos fre -
quentes no corpus foram quantificados como caso de re-
ferência.

3.2.2. Substituição

Uma definição simplista de substituição, em quanto mecanismo de coesão em um texto, é que ela é a substituição de um elemento por outro, conforme os exemplos de Halliday e Hasan:

(3.28) My axe is too blunt. I must get a sharper one.

(3.29) You think Joan already knows? I think everybody does.

Em (3.28), one substitui a palavra axe; em (3.29), does substitui o verbo knows.

Percebemos que a substituição é um mecanismo de coesão diferente da referência, pois como vimos em 3.2.1, a referência é uma relação semântica e, pelos exemplos acima, vemos que a substituição é uma relação gramatical.

Em outras palavras, a substituição é uma relação entre itens linguísticos, tais como palavras e frases, enquanto que a referência é uma relação entre significados.

A substituição é uma relação no nível léxico-gramatical (wording), ao passo que a referência é uma relação no nível semântico (meaning). Temos, então:

	tipo de relação coesiva	nível linguístico
1-	referência	semântico
2-	substituição	gramatical

A substituição é puramente uma relação textual, sem nenhuma outra função do que aquela de relacionar, coesivamente, uma palavra ou frase com outra palavra ou frase do texto.

O mecanismo de substituição é usado para evitar a repetição de palavras, conforme os exemplos acima:

em (3.28), usou-se one para não repetir a palavra axe; em (3.29), usou-se does para evitar a repetição do item knows.

Na substituição, é necessário que o item a ser substituído figure no texto e é importante ressaltar que o item substituído tem sempre a mesma função estrutural do item que substitui.

Nos exemplos vistos, axe e one são os termos principais do grupo nominal; e knows e does são os termos principais do grupo verbal.

Pode acontecer ainda de encontramos uma substituição do tipo:

(3.30) - Has Barbara left? I think so.

Nesse exemplo, o item so substitui (that) Barbara has left, ou seja, substitui toda uma oração.

Concluindo, resta dizer que como a substituição é uma relação gramatical, ele acaba sendo um mecanismo de coesão essencialmente confinado ao texto.

3.2.2.1. Tipos de substituição

Como a substituição é uma relação gramatical, os diferentes tipos de substituição são definidos gramaticalmente. O critério é a função gramatical do item substituído.

Em inglês, o substituído pode ter a função de um nome, de um verbo e de uma oração. A isso correspondem os três tipos de substituição: nominal, verbal e oracional.

Halliday e Hasan fornecem uma lista dos itens que podem funcionar como substituídos no inglês:

- one, ones, same (substituição nominal)
- do (substituição verbal)

- so, not (substituição oracional)

A substituição nominal é a substituição de um nome por one, ones e same:

(3.31) These biscuits are stale. Get some fresh ones.

Na segunda oração, ones substitui o nome biscuits.

A substituição verbal é a substituição de um verbo por do (does, did):

(3.32) Does Mary sing? No, but Mary does; na segunda oração does substitui o verbo sing.

A substituição oracional é a substituição de uma oração por so e not:

(3.33) They've failed, then? I regret so.

(3.34) Has everyone gone home? I hope not.

Nos dois exemplos, encontramos orações substituídas por so e not, respectivamente "they've failed" e "everyone has gone home"

3.2.2.2. A substituição no inglês e no português

Analisando o exemplo (3.28), observamos a coesão textual estabelecida por substituição nominal (axe - one). Em português, na frase equivalente ao referido exemplo (Meu machado está muito cego. Preciso arranjar um afiado), a coesão se estabelece pela omissão do termo machado na segunda oração. Essa omissão constitui um outro tipo de mecanismo de coesão, a elipse, que estudaremos posteriormente.

Em inglês, tivemos a substituição de axe por one (A B); em português, temos a elipse do termo

machado na segunda oração. (A → ∅: Preciso arran - jar um ∅ afiado).

Outro exemplo, para testar esse paralelismo de mecanismos de coesão:

(3.35) The concept of cohesion is a seman - tic one.

O conceito de coesão é semântico.

Novamente: em inglês, substituição de concept por one (A → B) enquanto que em português te - mos a elipse do termo conceito (A → ∅: ... é ∅ semân - tico).

Se analisarmos exemplos de substituição ver - bal, encontraremos:

(3.36) You think Joan already knows? I think everybody does. Nesse exem -

plo em inglês, há a substituição do verbo knows por does.

Traduzindo o exemplo acima, temos:

Você acha que Joan já sabe? Eu acho que to - dos sabem.

Em inglês, tivemos um caso de substituição verbal, enquanto que em português observamos a reitera - ção do verbo.

Outro exemplo, para testar esse paralelismo de mecanismos de coesão:

(3.37) Did Peter go, to a cinema? - No, but, Charles did.

Traduzindo o exemplo acima, temos:

Peter foi ao cinema? Não, mas Char - les foi.

Novamente: em inglês, substituição do verbo por did (auxiliar do no passado), enquanto que em por - tuguês observamos a reiteração do verbo.

Se analisarmos exemplos de substituição oracional, encontramos:

(3.38) Is there going to be an earthquake?

It says so.

Vai acontecer um terremoto? Dizem ' que sim.

Nesse caso, tanto em inglês como em português há substituição da primeira oração por so e sim, respectivamente.

Outro exemplo, para testar a ocorrência do mesmo tipo de mecanismo de coesão:

(3.39) Is he going to pass the exam? I hope so. - I'm afraid not.

Ele vai passar no exame? Eu espero'

que sim. - Eu receio que não.

Novamente, tanto em inglês como em português há substituição de toda uma oração por so (e not) e sim (e não), respectivamente.

Do que foi exposto nessa seção, concluímos' que não existe uma equivalência, quanto à substituição, no inglês e português, conforme:

substituição nominal → elipse, exemplos ' 3.28 e 3.35.

substituição verbal → reiteração (coesão lexical), exemplos 3.36 e 3.37.

substituição oracional → substituição oracional, exemplos 3.38 e 3.39.

Quando analisamos as narrativas, muitas dúvidas surgiram quanto à ocorrência (ou não) da substituição.

Numa primeira análise, havíamos encontrado'

exemplos de substituição nominal, verbal e oracional; no entanto, essa análise não nos convenceu e procuramos acurá-la. A partir da segunda análise, observamos que o mecanismo de coesão em questão era de outra ordem, conforme:

A) (3.40) (PC,M,A,O) - "... o home ... o médico disse ..."

(3.41) (RA, F,A,O) - "... e nós fomos na dele, acreditamos ..."

(3.42) (EB,F,A,O) - "... o gato enfiou a cabeça, né, pro lado de fora ... só que punha, sabe, enfiou a meta de do corpo ..."

A substituição de uma forma coloquial por outra mais formal, na realidade, é a substituição de um item por outro a ele relacionado; temos, portanto, nesses exemplos, uma substituição por sinônimos e a coesão que se estabelece entre "fomos na dele" e "acreditamos", por exemplo, é coesão lexical, que estudaremos posteriormente.

B) (3.43) (FH,M,B,O) - "Eu faço alçapão, gaiola, mesa de snook ... tudo piquininho, sabe ... pra nós jogá ..."

(3.44) (RA,M,B,O) - "... traz a kombi... vai guardá ... vai abastecê a bar riga dele ... tudo no posto do Mário ... "

O pronome indefinido tudo, nos exemplos acima, exerce a função sintática de aposto recapitulativo. Há uma generalização: antes, falava-se dos elementos de um conjunto e o pronome tudo refere-se ao conjunto todo e não é propriamente um item substituto.

C) (3.45) (WP,M,A,O) - "Meu primo tinha cor-
tado o pé... tava cheio de con-
chas, ele pisô, cortô tudo ..."

(3.46) (AO,F,A,O) - "... quebrô todos os
vidros ... tava tudo quebrado".

Nesses exemplos, o pronome tudo não é um i-
tem substituto pois ele transmite uma informação a
mais. Explicitando, quando a informante diz "quebrô to
dos os vidros", afirma que os vidros foram quebrados e
quando diz "tava tudo quebrado", informa que os vidros
e mais alguma coisa foram quebrados. Se tal não ocor-
reu, e só os vidros é que foram quebrados, temos um
caso de hipérbole, que é uma afirmação exagerada.

A ocorrência da substituição, enquanto meca-
nismo de coesão que consiste na substituição de um i-
tem por outro (A → B), fica restrita a apenas quatro
casos em todo o corpus de nosso trabalho.

As quatro ocorrências de substituição fazem
parte da linguagem escrita de dois informantes de sexo
masculino, de classe A. Trata-se de substituição ora-
cional, em que uma oração é substituída pelo pronome
isso, conforme:

(3.47) (MN,M,A,E) - a) "-Nilton, o que você
tem nas mãos?

-Tenho 5 dedos em
cada uma delas.

-Isso eu sei seu em
graçadinho ..."

b) " Porque você teve pe
na dele e quer aju
dá-lo a viver e
isso é uma coisa
muito bonita."

(3.48) (CN,M,A,E) - a) " Cada um tem o direi-
to de escolher sua
profissão, pois

são livres para '
isso".

- b) "Zera que os homens'
trabalham só por di
nheiro ou também pe
lo gosto de traba -
lhar?
Isso ninguém sabe.."

O fato de termos encontrado apenas substi -
tuição oracional corrobora a nossa conclusão de que '
não existe uma equivalência, no inglês e no português,
quanto à substituição. Parece-nos haver uma equiva -
lência apenas quanto à substituição oracional.

Halliday e Hasan afirmam que a substituição
oracional é feita por so e not. So pode ser traduzi-
do por "isso, assim, dessa maneira" e, como vimos, os '
nossos exemplos de substituição oracional são com o '
pronomo isso.

A substituição de uma oração por não pode a
contecer em português, como vimos no exemplo (3.38):

Ele vai passar no exame? Eu creio que não.

No entanto, nas narrativas por nós analisa-
das, não há nenhuma substituição desse tipo. Há casos
em que o advérbio não é usado para reforçar a idéia de
negação, como em:

- (3.49) (EP,F,B,O) - "A vizinha falô assim '
"não, eles num tão aqui não." Nes -
se exemplo, o advérbio não estabele-
ce uma dupla negação e não uma subs-
tituição oracional.

Quanto à substituição verbal, lembramos a
existência, em português, dos verbos vicários, que po-
dem substituir um outro verbo.

Almeida, em sua gramática, afirma que:

"Emprega-se o verbo fazer para substituir verbos de frases ligadas, quando haja conveniência em não os repetir: "Os ídolos antigos adorava, como inda agora faz (= adora) a gente inica".

"Quis o marquês de Pombal nobilitá-lo como fizera (= nobilitara) os outros comerciantes".

O verbo fazer é por essa razão chamado verbo vicário (= que faz as vezes de outro) ou sinônimo.

Mais raramente, também o verbo ser substituí verbo anteriormente empregado no período: "A solenidade realizou-se mas não foi (= não se realizou) como se esperava".

Nas narrativas que analisamos, entretanto, não há nenhuma ocorrência de verbos vicários.

Lembramos ainda que, em português, podemos ter a substituição de um verbo por uma outra estrutura gramatical, conforme:

(3.50) (EP,F,B,E) "... o menino levou um susto!
Mas não foi só o menino que se assustou ..."

Temos nesse caso, a coesão estabelecida pela seleção de vocabulário, pelo uso de sinônimo (coesão lexical) e não a substituição verbal proposta por Halliday e Hasan (verbo do).

Pesquisando em diferentes gramáticas, não encontramos nenhuma análise de substituição como mecanismo de coesão. Há exemplos interessantes como substituição de sons (in + regular = irregular), substituição de possessivos (Levaram-lhe o filho = Levaram o seu filho).

Em Almeida, há o estudo do artigo o enquan-

to demonstrativo neutro que, como tal, "pode substituir tanto um nome quanto um verbo, tanto um adjetivo quanto, ainda, uma oração inteira; exemplos:

Sois espiã? - Não o sou. (não sou isso, 'isto é, espiã)

Vou estudar minha lição e vou fazê-lo (= estudar a lição) com acuro.

Quem contou esses casos? - Não importa 'sabê-lo (não importa saber isso, isto é, 'quem contou esse caso)".

O estudo sistemático da substituição como mecanismo de coesão está por ser feito e a sua complexidade foi comprovada por nós, que, em oitenta narrativas, encontramos somente quatro casos de substituição oracional, apenas na linguagem escrita de dois informantes de classe A.

3.2.3. Elipse

A elipse é o mecanismo de coesão que consiste na omissão de um termo que já apareceu no texto anteriormente. Trata-se de uma substituição de um item por zero ($A \rightarrow \emptyset$). Exemplo:

Cássia ganhou uma blusa e já usou^o. Na segunda oração, há a omissão da palavra blusa, mas ela é entendida.

Percebeu-se que a elipse é um processo que evita a repetição de itens. Pelo exemplo, fica claro que um termo deixa de ser dito mas é entendido.

Quando Halliday e Hasan falam da elipse, referem-se especificamente a sentenças, orações, etc. cuja estrutura é tal que pressupõe algum item precedente, que, então, serve de fonte para a informação omitida.

Quando existe uma elipse, existe uma pressuposição na estrutura de que algo deve ser entendido, ' mesmo tendo sido omitido. Em outras palavras, a elipse ocorre quando um sintagma nominal não é superficia-lizado na estrutura. Trata-se de um "dizer sem dizer".

O item que é omitido, na maioria das casos, está presente no texto precedente: normalmente, a e - lipse é uma relação anafórica.

A elipse é uma relação dentro do texto, mas pode ser exofórica, por exemplo, quando uma dona de casa vê o leiteiro e fala: "Dois, por favor"; nesse ca- so, o contexto de situação oferece a informação neces- sária para a correta interpretação de "dois litros de' leite, por favor". Mas a elipse exofórica não estabe- lece coesão textual.

A elipse, sendo uma substituição especial , é pressuposição ao nível de palavras e estruturas, é' uma relação ao nível léxico-gramatical, enquanto que a referência é pressuposição ao nível semântico. Esque- matizando, temos:

	tipo de relação coesiva	nível linguístico
1-	referência	semântico
2-	substituição	gramatical
3-	elipse	gramatical

No livro "Cohesion in English", encontramos à página 145, a forma tabular:

	Referência	Substituição e Elipse
nível de abstração	semântico	léxico-gramatical
Primeira fonte de pressuposição	situação	texto
O que é pressuposto?	significados	itens (palavras, grupos, orações)
A classe é preservada?	não necessariamente	sim
É uma reposição possível?	não necessariamente	sim
Uso como um mecanismo coesivo	sim; anafórico e catafórico	sim; anafórico (ocasionalmente catafórico)

O estudo da elipse, enquanto figura de linguagem, é tradicional na gramática normativa.

Cunha abre o capítulo sobre as figuras de sintaxe, dizendo:

"O exemplo de maior expressividade leva-nos, com frequência, a lacunas, a superabundâncias, a desvios nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, considerada pelo contexto geral e pela situação. Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se figuras

de linguagem".

Em seguida, o referido autor faz o estudo das principais figuras, iniciando-o pela conceituação de elipse: (do grego élleipsis, "falta", "insuficiência") "é a omissão, espontânea ou voluntária, de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

"Adiante seguiu Caubí; a alguma distância o estrangeiro; logo após Iracema". (Alencar)

"Duas margens — dois destinos,
Um alegre, outro sombrio". (Mariano)

Segundo Cunha, "a elipse é responsável por numerosos casos de derivação imprópria, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido. Sirvam de exemplo as reduções:

a (cidade) capital	uma (igreja) catedral
um (dente) molar	uma (carta) circular
um (navio a) vapor	uma folha (de papel)"

O referido autor faz o estudo da elipse como processo gramatical e como processo estilístico. Para ele:

"em gramática, a elipse de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência. São correntes, por exemplo, as elipses:

a) do sujeito: "Ternura foi se embalando, se embalando. Adormeceu. Queria esperar a hora do desastre para se defender ...". (A.M. Machado)

- b) do verbo (parcial ou total) ;
 "Jorge releu o escrito, e ora' o achava claro demais, ora obs curo." (M. de Assis)
 "As letras, de ouro; ele, imor tal; única diferença". (R. Pom péia)
- c) da preposição que introduz cer tos adjuntos adverbiais:
 "Ribas, quinze anos, era feito, magro, linfático;" (R. Pompéia)
- d) da preposição de antes da inte grante que introduz as ora ções objetivas indiretas e as' completivas nominais:
 "Não me lembro que tenha chora do; ganhava sempre as apostas" (G. Amado)
 Não tenho mais dúvidas que o lugar que melhor me convém é este". (M. Bandeira)
- e) da conjunção integrante que:
 "Ao cabo de cinco dias, minha' mãe amanheceu tão transtornada que ordenou me mandassem bus car no seminário". (M. de Assis)

Na análise dessas e de outras ora ções manifestamente incompletas ' convém repor os elementos omiti dos. Mas seria uma arbitrarieda de pretender reconstruir, nas mes mas bases, formas expressivas ela boradas dentro de princípios lin guísticos diversos.

É o caso, por exemplo, da frase ' nominal, organizada sem verbo e , justamente por isso, mais incisi va:

"Roma em chamas, que espetáculo!"
(R. Pompéia)

ou mais sugestiva:

"Fim da tarde, boquinha da noite'
com as primeiras estrelas e os '
derradeiros sinos." (J. de Lima)

Enquanto processo estilístico, Cunha enten
de que:

"recurso condensador da expressão,
a elipse é naturalmente empregada
de preferência naqueles tipos de'
enunciados que se devem caracteri
zar pela concisão ou rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, '
pois, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de am
bientes, de estados de alma, '
de perfis:

"Na copa, o rumor de torneiras
abertas e de vidros se quebran
do. Correria e pânico." (A.M.
Machado)

"Pobreza, devastação, indícios
de miséria. Desalento, rugas'
e cabelos grisalhos". (G. Ra -
mos)

b) em anotações rápidas, como as'
de um diário íntimo, de um ca-
derno de notas: "10 de maio.
Noite escura. Duros passos".
(C. Meireles)

c) na enunciação de pensamentos '
condensados, provérbios, divi-
sas, ditos sentenciosos e irô-
nicos:

"Na roça, como na roça". (M. '
Lobato)

"A paciência da Esfinge. Que paciência!" (A. M. Machado)

- d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, costuma sugerir as idéias de acumulação, de rapidez:

"Colheria tudo, plantas, lendas, cantigas, locuções". (M. de Assis)

Para Cegalla, "a elipse dos conectivos e preposições assegura à frase concisão, leveza e desenvoltura:

"E espero tenha sido a última" - V. Moog

"Veio sem pintura, um vestido leve, sandálias coloridas". Rubem Braga.

Ainda no tocante a figuras de linguagem, temos a zeugma que é, segundo Cegalla, "a elipse de uma palavra expressa na oração". Exemplo:

"Eu aprecio a música, ele a poesia. (isto é, ele aprecia a poesia)"

Para Cunha, zeugma é uma das formas de elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles. Exemplo:

"Rubião fez um gesto, Palha outro; mas quão diferente!" (= Palha fez outro) (M. de Assis)

Para o referido autor, zeugma simples é aquela em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo acima.

"Com mais frequência, a designação (zeugma) aplica-se à chamada zeugma complexa, que abarca principalmente os casos em que se subenten-

de um verbo já expresso, mas sob outra flexão. Exemplo:

"Chamo-me Inácio; ele; Benedito."
(M. de Assis) (- isto é, ele chama-se Benedito).

A zeugma tem na oração comparativa o campo, por excelência, de produção de efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

"Ela foi-se ao pôr da tarde
Como as gaivotas do rio". (C. Alves)."

No nosso estudo, interessa-nos a elipse como mecanismo de coesão, independente de seus efeitos estilísticos. E vai nos interessar, especificamente, a elipse do nome, do verbo e da oração.

3.2.3.1. Tipos de elipse

Segundo Halliday e Hasan, enquanto mecanismo de coesão, a elipse pode ser de três tipos: nominal, verbal e oracional.

Elipse nominal é a elipse dentro do grupo nominal; ela ocorre quando o nome (substantivo) é omitido em um grupo nominal. Exemplo:

(3.51) Que chapéu você quer? Este é o melhor^o.

o melhor^o dos três.

o melhor^o que você já viu.

Fazem parte da estrutura do grupo nominal os chamados adjuntos adnominais, os termos que acompanham um nome para indicar-lhe qualidade, quantidade, etc. Exemplo:

(3.52) Os meus dois primos inteligentes viajaram.

↓ ↓ ↓ ↓

Artigo pronome Numeral adjetivo

Quando houver a omissão do termo principal do grupo nominal, temos a elipse nominal; esta ocorre, portanto, quando o grupo nominal tiver como elemento principal um adjunto adnominal, um dos modificadores. Em outras palavras, temos elipse nominal quando o termo principal de um grupo nominal é um modificador, conforme o exemplo:

(3.53) Tire um chocolate. - Não, obrigado, este é o meu terceiro^o.

Elipse Verbal é a elipse dentro do grupo verbal; ela ocorre quando um verbo é omitido, seja ele auxiliar ou principal. Exemplos:

(3.54) Você estava nadando? Sim, estava^o.

(3.55) O que você estava fazendo? ^oNadando.

Há dois tipos de elipse verbal: a elipse do verbo principal e a elipse do verbo auxiliar. Em (3.54), há a elipse lexical, ou seja, é omitido o verbo principal do grupo verbal (= nadando). Em (3.55), há a elipse do operador, ou seja, é omitido o verbo auxiliar do grupo verbal (= estava).

Um grupo verbal apresenta em sua estrutura certos traços como:

tempo	- presente, pretérito ou futuro;
voz	- ativa ou passiva;
polaridade	- positivo ou negativo

modo - imperativo, subjuntivo ou in
dicativo.

Um grupo verbal elíptico pressupõe um ou ' mais traços do grupo verbal precedente. Em "Nadan - do", por exemplo, estão pressupostos os traços de tem po pretérito, voz ativa, positivo, indicativo que es - tão presentes na pergunta "o que você estava fazendo?"

A elipse do verbo auxiliar acontece mais ' frequentemente em sequências do tipo pergunta e res - posta, como em (3.55).

Elipse oracional é a elipse de uma oração; ela ocorre quando toda uma oração é omitida; afeta to dos os elementos da estrutura da oração. Exemplo:

(3.56) Você vai à festa? É claro^ø. (= é ' claro que eu vou à festa).

A elipse oracional ocorre em sequência do' tipo pergunta e resposta.

3.2.3.2. A elipse no inglês e no português

Vimos que há três tipos de elipse: nominal, verbal e oracional.

Segundo Halliday e Hasan, a elipse nominal é aquela que ocorre dentro do grupo nominal, confor - me:

(3.57) "And how many hours a day did you do lessons? ...

"Ten hours the first day", said the Moch Turthe, "nine^ø the next^ø and' so on." (= nine hours the next ' day)

Em nosso trabalho, encontramos ocorrências

de elipse nominal, conforme os exemplos:

- (3.58) (WS,M,B,E) - "Uma partida difícil ' comparada com as^o anteriores... "
- (3.59) (EG,F,A,E) - " ... ultrapassou to - dos os meninos e alguns^o levaram..."
- (3.60) (RA,M,B,E) - "O Brasil já partici - pou de todas as copas sendo campeão em três^o."

Encontramos, ainda, em nosso trabalho, uma frequência significativa de elipses de objeto direto:

- (3.61) (FH,M,B,O) - "... A minha mesa de ' snook a minha mãe jogô lá de cima... em deixei^o no meio do cominho' ela quase caiu lá; daí ela pegô^o e jogô^o lá de cima..."

Nesse último exemplo, não temos a elipse ' nominal proposta por Halliday e Hasan, que apontam a ' estrutura de um grupo nominal elíptico como aquela ' que tem um modificador na função de principal. Mas, evidentemente, há, no exemplo, a elipse do nome que ' funciona como complemento do verbo e, o mais importan te, apesar de omitido, o objeto direto é subentendido (a mesa de snook, no caso).

A omissão do objeto direto é possível no ' português; no inglês, entretanto, a estrutura da lín - gua não permite a elipse do objeto direto.

Halliday e Hasan dizem, à página 202:

"It is not possible in English to say Has she taken her medicine? - She has taken^o.

Let us tabulate from the point of view of ellipsis:

Has she taken her medicine?

(i) No ellipsis:

(1) no pressuposition

She has taken her medicine

(2) pressuposition of Complement by reference

She has taken it.

(ii) Clausal ellipsis

(1) with verbal ellipsis

She has

(2) with verbal substitution

She has done."

Pelo exemplo (3.61), vimos que em português é possível a omissão do complemento verbal e, em nosso trabalho, consideramos esse tipo de elipse como sendo um mecanismo de coesão, pois, temos a substituição de um item por zero ($A \rightarrow \emptyset$).

Quanto à elipse verbal, lembramos as palavras de Lapa, em seu livro "Estilística da Língua Portuguesa":

"Circunstâncias há em que a frase se constrói ou pode construir sem verbo: o valor sentimental das coisas, o repetino de sua visão dispensam esse instrumento articulado que é o verbo. Quando, diante dum belo panorama, exclamamos: "Admirável paisagem!" - produzimos uma oração afetiva, a que propriamente não falta o verbo nem precisa sequer se subentender. Se disséssemos: "Esta paisagem é admirável!" - sobrecarregaríamos sem necessidade a frase e, reparando bem, não conseguiríamos o mesmo efeito sentimental, que se exprime tão enérgicamente!

por aquele grupo de adjetivo e substantivo.

(...) A dispensa do verbo não é processo novo, é antes um modo primitivo de registrar as impressões das coisas. Explica-se por três motivos principais:

- a) uma expressão dúbia ou incompleta do pensamento;
- b) uma certa tendência para a brevidade e para o menor esforço;
- c) e a influência poderosa dum choque sentimental."

Como disse Lapa, "circunstâncias há em que a frase se constrói ou pode construir sem verbo". Em nosso trabalho, encontramos diversos casos de elipse verbal; conforme:

(3.62) (RA,F,A,E) - "Denise pegou um lenço amarrou na cabeça^o meio velho mas servia."

(3.63) (MR,F,B,E) - "... duas irmãs minha^o trabalho em escritório, uma^o na fábrica, e eu trabalho na fábrica".

(3.64) (EO,M,A,O) - "Entramos nós quatro lá no fundão (...) e ninguém tinha^o lanterna - ^oum atrás do outro".

Quanto à elipse oracional, temos a dizer que não é um mecanismo muito frequente na linguagem dos pré-adolescentes; alguns exemplos encontrados:

(3.65) (RO,F,B,O) - "... tem que dá banho nela ... às vezes sou eu^o, às vezes é minha sobrinha^o, assim, né".

(3.66) (NC,M,A,E) - "... eu tentei pegar o pacote mas não deu^o."

3.2.4. Conjunção

Conjunção é um mecanismo de coesão diferente dos outros mecanismos, porque não é simplesmente uma relação anafórica. A conjunção é um mecanismo de coesão que apresenta dois aspectos: uma função gramatical e um sentido coesivo. Portanto, a conjunção é um item lexical que estabelece coesão ao nível gramatical e também ao nível semântico.

O emprego da conjunção implica em uma relação semântica, que é a especificação de direção na qual o que se segue é sistematicamente unido com aquilo que veio antes.

Os exemplos:

A- Paulo saiu e voltou logo.

B- Paulo saiu mas voltou logo.

indicam o quanto muda a relação entre duas orações quando muda-se a conjunção. Ou seja, a relação de sentido entre as orações dos exemplos acima se alterou porque as diferentes conjunções empregadas (e, mas) especificam direções diferentes (adição e contraste, respectivamente).

Esse mecanismo de coesão pode ser expresso por um conjuntivo (conjunção gramatical) mas pode vir de uma relação semântica. Exemplos:

C- Houve um vendaval. Após, desabou um temporal (associação gramatical: conjunção após).

D- Um temporal sucedeu ao vendaval.

Pelos exemplos acima, vemos que as expressões conjuntivas podem ocorrer de duas formas relativamente sinônimas, uma com e outra sem conjuntivo. Quando a coesão é feita gramaticalmente, há a presen-

ça da conjunção.

A conjunção normalmente tem a primeira posição na sentença e tem como seu domínio a totalidade da oração na qual ocorre - seu significado se alastra pela oração inteira.

Quanto aos tipos de conjunção, várias classificações são possíveis. Halliday e Hasan (1975, ...) afirmam que

"Various suggestions could be taken up for classifying the phenomena which we are grouping together under the heading of c o n j u n c t i o n.

There is no single, uniquely correct inventory of the types of conjunctive relation; different classifications are possible, each of which would high-light different aspects of the facts.

We shall adopt a scheme of just four categories:

additiva, adversative, causal and temporal".

Exemplos do corpus, com as conjunções sugeridas pelos autores:

(3.67) (AV,M,B,E) - "Cidi pensou um pouco e-aceitou".

(3.68) (JB,M,A,O) - "Minha mãe falô pro meu pai levá ele pra soltá ... pra soltá noutra cidade, assim. Mas no fim ele num levô".

(3.69) (NZ,M,B,E) - "Eu respondi, porque não queria leva-lo embora".

(3.70) (LZ,F,A,O) - "Cada vez que a gente passa lá, ele fala".

Em nosso trabalho, entretanto toda ocorrência de conjunção (com exceção das conjunções integran-

tes) foi contada pois a sua presença estabelece um laço coesivo entre as orações, como em:

- (3.71) (HP,M,A,O) - "Foi tanta briga que.. machucaram, só sangue ..."
- (3.72) (RP,F,B,O) - "... e conforme ela ia perguntando assim (...) os alunos ia respondendo ..."
- (3.73) (PC,M,A,O) - "O médico (...) falô assim "se num dá ponto, o dedo dele - é perigoso ficá torto".
- (3.74) (AV,M,B,O) - "... ele não sabe se ele vai ou fica em casa".

No corpus do trabalho, há predominância de ocorrência das conjunções e, mas, porque e quando que são, respectivamente, conjunção aditiva, adversativa, causal e temporal (os quatro tipos sugeridos pelos autores). Entretanto, há casos de ocorrência de conjunção concessiva (tanto que), condicional (se), alternativa (ou), conformativa (conforme) e, pelos exemplos acima, vimos que essas conjunções estabelecem coesão entre as orações.

- (3.75) (NP,M,B,O) - "Se ele não saí agora, vô busca ele lá dentro",

a primeira oração, que apresenta a conjunção subordinativa condicional se, é condição para a segunda oração; para nós, as duas orações estão relacionadas, coesas entre si, sendo que essa coesão acontece porque há a conjunção se funcionando como mecanismo de coesão entre as duas orações.

Quanto ao fato de não contarmos as conjunções integrantes é porque elas não têm um significado próprio, não indicam nenhuma circunstância. Em exemplos do tipo:

(3.76) (EO,M,B,0) - "Então tem que subi uma escadaria ..."

(3.77) (PV,F,A,E) - "mais não sabia que minha mãe não queria".

a conjunção integrante que apenas liga as orações, funcionando como um operador lógico, estrutural.

3.2.4.1. A conjunção na gramática

Cunha declara que "os vacábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração chamam-se conjunções".

A gramática normativa faz uma distinção entre conjunção coordenativa e subordinativa, sendo que coordenativa relaciona termos ou orações de idêntica função gramatical e a subordinativa liga duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Exemplos:

(3.78) (WP,M,A,0) - "Foi a família da minha tia, minha vó, meu vô, eu, e minha mãe e minha irmã ..."

(3.79) (NA,F,B,0) - "... vai lá direto no carro, abre ... e entra".

(3.80) (PE, M,A,E) - "Quando começou as aulas encontrei novos colegas ..."

Rocha Lima (1973, 164) esclarece que as conjunções coordenativas do tipo aditivas, adversativas e alternativas relacionam quaisquer termos da mesma natureza gramatical, como:

"Dois e dois são quatro. (numeral + numeral)

Falei pouco, mas bem. (adverbio + advérbio)

Chuva ou sol não impedirão a festa".

(substantivo + substantivo)

Há, no corpus de nossa pesquisa, casos da conjunção e ligando termos. Eles foram contados porque funcionam como mecanismo de coesão à medida que ligam termos de mesma natureza. Assim como o e faz coesão entre:

- E-
- a. Pedro saiu.
 - b. Pedro voltou logo.
 - c. Pedro saiu e voltou logo,

o e também faz coesão entre:

- F-
- a. Pedro saiu.
 - b. Maria saiu.
 - c. Pedro e Maria saíram.

Nesse último exemplo, a conjunção e liga dois substantivos que constituem o sujeito da oração. O sintagma nominal que resulta da adição, Pedro e Maria, é um conjunto significativo único e, inclusive, o verbo é conjugado na terceira pessoa do plural, reforçando a idéia de sujeito composto por mais de um elemento.

Frisamos esse aspecto, porque para Halliday e Hasan a conjunção e deve ser entendida como:

- a) coordenada, considerando o seu significado estrutural de ligar termos ou orações de mesma natureza.
- b) aditiva, considerando o seu significado coesivo de somar (adicionar) os elementos e as orações.

Os referidos autores consideram como meca-

nismo de coesão apenas a ocorrência do e enquanto aditivo, pois, para eles, o e, enquanto item coordenativo, simplesmente vai ligar elementos que funcionam como um sintagma nominal de mesma função sintática, como homem e mulher. Ou seja, para eles, há coesão apenas entre as orações.

Em nosso trabalho, como dissemos, consideramos a ocorrência do e ligando termos como mecanismo de coesão pois, para nós, o paralelismo entre os exemplos E-c e F-c validam tal posição.

3.2.4.1.1. As conjunções do corpus da pesquisa

A gramática normativa apresenta o seguinte quadro para as conjunções:

1- Coordenativa	Aditiva - e, nem (= e não)
	Adversativa - mas, porém, contudo, todavia, entretanto.
	Alternativa - ou, ou ... ou, ora ... ora, quer... ' quer, nem ... nem, etc.
	Conclusiva - logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, etc.
	Explicativa - que, porque, pois, portanto.

2- Subordinativa

- Causal - porque, que, pois, como
(= porque)
- Concessiva - embora, ainda que,
apesar de que, con-
quanto, ainda que,
nem que.
- Condicional - se, quando, contan-
to que, salvo de.
- Conformativa - conforme, como, '
conscante, segun-
do.
- Final - para que, a fim de que, '
porque, que.
- Proporcional - à medida que, à '
proporção que.
- Temporal - quando, até que, logo
que, desde que, cada '
vez que.
- Comparativa - que, como, assim '
como.
- Consecutiva - tal que, tanto que.
- Integrante - que, se.

Pelo quadro acima, vimos que algumas conjun-
ções subordinativas (que, como, porque, etc.) podem '
pertencer a mais de uma classe e valor desses itens '
está condicionado ao contexto em que se inserem. E-
xiste, portanto, uma polissemia conjuncional. -

Talvez seja essa polissemia que explique '
os exemplos de PE, M, A, E:

(3.81) - "Quando começou as aulas encontrei
novos colegas mas muitos que eram
do ano passado com homens e mulhe-
res".

Pois como sempre nós damos preferên-
cia a uma amiga (...)

Pois os colegas que tenho são bacana-
nas de todo o modo.

Há casos de como funcionando como conjunção
causal; logo que, cada vez que, que são locuções con-
juntivas:

(3.82) (PV,F,A,0) - "E eles ... como num
vinha rápido, o navio, ficavam jo-
gando sacas de ... de milho ...".

(3.83) (PC,M,A,0) - "Logo que eu pulei o
muro, pra ver o que era, pisei no
vidro ...".

(3.84) (LZ,F,A,0) - "Cada vez que eu vô lá,
ela pergunta ...".

Além das conjunções sugeridas por Halliday
e Hasan para a análise da coesão textual, encontramos
exemplos de conjunção condicional, alternativa, concessiva,
etc. Todavia, há o predomínio das conjunções
propostas por eles, como verificamos nas narrativas o-
rais da classe A:

73 ocorrências da conjunção e ligando ora-
ções

(13 ocorrências da conjunção e ligando ter-
mos)

25 vezes a conjunção mas,

33 vezes a conjunção quando (e 1 logo que,
2 cada vez que, 1 desde que, 1 até que,
1 depois que)

22 vezes a conjunção porque (e 3 como, 4
que, 3 por causa que)

01 ocorrências da conjunção concessiva tan-
to que e 1 vez apesar que

02 se.

A não ocorrência de todas as conjunções da língua é facilmente explicável pelo fato de que muitos desses conectivos são itens característicos da produção escrita do adulto de nível sócio-cultural alto (conjunção como salvo se, contudo, conquanto), à qual nossos informantes não estão expostos.

No corpus da pesquisa, todavia, encontramos conectivos que não são propriamente conjunções mas funcionam como tal: depois, daí, agora, então:

Depois = advérbio (depois que = locução conjuntiva)

Daí = contração da preposição e do advérbio aí

Agora = advérbio

Então = adjetivo

(3.85) (DP,M,B,O) - "... tinha morrido fazia pouco tempo ... depois, coloquei ele assim no braço ..."

(3.86) (PC,M,A,O) - "Ah, daí ... mandô ficá de pé. Daí eu fiquei lá ... daí eu dei ponto ..."

(3.87) (AA,F,B,C) - "... e daí ela ficou com febre, tudo, à noite, sabe; agora, essa vez que ela foi co'a gente ..."

(3.88) (NM,M,A,O) - "Quando acordei, já era 9 horas, mais ou menos. Então, né ... nós fomos pra praia, trocamos de roupa, colocamos roupa de banho e fomos, né. Então, fomos procurá ... conchinha, mas logo - queria entrá no mar, mesmo, né, porque eu nunca tinha entrado. Então minha irmã levou nói ... nós para entrá na água; então, né, minha irmã!

... num sabe nadá direito, né ..."

Há até caso em que dois desses itens aparecem juntos:

(3.89) (WR,M,B,O) - "... então ele pensô ' que já era eu, né ... então daí e-le veio ..."

Os gramáticos mais tradicionais classifi- cam esses termos como conjunção ou reconhecem o empre go deles como tal. Para Silveira Bueno (1944, 172), então pode ser conjunção aproximativa (Exemplo: "Es- touraram trovões, brilharam raios, então começou a ' chover") como também conjunção continuativa e conclu- siva. Para Almeida (1967, 323), então é conjunção ' conclusiva ou ilativa (Exemplo: "Ele nos avisou; deve- mos então esperá-lo"), depois é conjunção explicativa (Exemplo: "Não o empurrei; depois, não estava perto ' dele no momento da queda"); agora é advérbio que fun- ciona como conjunção, quando repetido.

Nas narrativas que analisamos, depois, daí, agora, então funcionam como conjunção, especificamen- te como um item continuativo pois garantem a continui- dade do texto.

Na linguagem escrita, apenas dois informan- tes da classe B empregam tais itens:

(3.90) (VL,F,B,E) - "... e estudava na ter- çera série e daí comecei a traba- lhar ..."

(3.91) (NZ,M,B,E) - (emprega cinco vezes en- tão na sua redação):

"Eu respondi, porque não queria le- va-lo embora. Então minha mãe pe- gou a cinta e começou a correr a -' trás de mim ... então minha irmã pa- rou e falou ..."

Na linguagem oral, os itens depois, daí, então, agora foram bastante usados, conforme os dados em apêndice. Numa primeira análise, eles tinham sido computados à parte mas após a consulta às gramáticas mais tradicionais, eles foram contados como conjunção.

Na nossa análise, portanto, quando indicamos que o informante usou 18 conjunções, incluem-se e ligando termos (e orações), conjunções concessivas, consecutivas, condicionais, etc., bem como os itens continuativos depois, daí, agora, então.

3.2.5. Coesão lexical

A coesão lexical é o mecanismo de coesão que se estabelece pela seleção de vocabulário. Quando há palavras que se relacionam de alguma maneira, em um texto, temos um laço coesivo entre elas. Exemplo:

(3.92) (EV,F,A,0) - "Quando nós fomos abrir a porta, a chave ... num abria (...) eu não alcançava direito no trinco e a porta num queria abrir ..."

Pelo exemplo, vimos que a coesão lexical se estabelece pela reiteração de vocábulo (abrir, porta) como também pelo emprego de palavras que têm referentes relacionados no mundo real (chave - trinco)

Observamos ainda que os substantivos aparecem precedidos de artigo. Geralmente, um nome em função coesiva é acompanhado de artigo definido e, como este é anafórico, cria um efeito de que todo o complexo "artigo definido + nome", (ver 4.1) funciona como um item referencial anafórico, conforme:

(3.93) (EG,F,A,E) - "Uma velhinha ia andando com um embrulho e quando a velhinha viu ela se desequilibrou e o embrulho caiu".

Há exemplos em que a relação de vocabulário cria um laço coesivo, mesmo sem a presença do artigo:

(3.94) (WS,M,B,E) - "Brasil X Suesia, Brasil X Espanha jogos já realizados, partidas muito importante ...".

Nesse exemplo, a coesão lexical se estabelece pelo uso de sinônimos, pelo emprego de palavras semanticamente relacionadas.

Chamamos a atenção para o fato de que a coesão lexical e a referência são mecanismos exclusivos - assim, EG, em (3.93), podia ter estabelecido coesão dizendo "... e quando ela viu ..."; WS, em (3.94), podia criar um laço coesivo dizendo "... jogos já realizados, todos eles muito importantes ...".

A exclusão entre referência e coesão lexical não é gratuita, pois o sintagma nominal a velhinha; por exemplo, revela um posicionamento do falante: o emprego do substantivo no diminutivo traduz um certo envolvimento que está ausente no emprego do pronome ela.

Entretanto, nem sempre a coesão lexical é reveladora da atitude do falante; em (3.94), partidas não traz nenhum traço específico ou diferenciador em relação a jogos.

Halliday e Hasan chamam de reiteration o uso dos vacábulos como elementos coesivos. Para eles, a reiteração pode ser estabelecer a partir de:

1- repetição de um item lexical

(3.95) (FH,M,B,0) - "... fiz ela com um "

caixotinho, caiu as bolinha tudo ' dentro do caixotinho, depois a gente ..."

(3.96) (LP,F,A,O) - "... caiu metade da árvore. A árvore era pequena, sabe, ' fraca, só ficou o tronco da árvore".

2- uso de sinônimos.

(3.97) (RO,F,B,O) - "... ela vai catando, vai ciscando ... come toda a carne, né ..."

(3.98) (RA,M,B,E) - "O troféu em que o Brasil ficou campeão era a taça Jules' Rimet ..."

3- emprego de "quase" sinônimos (near synonym)

(3.99) (CT,M,D,C) - "... tinha feito o caixa e tinha levado e dinheiro já ..."

(3.100) (MA,F,B,O) - "... ele qué mamá, ele vai na mamadeira e dá risada ..."

4- uso de itens subordinados (superordinate)

(3.101) - Henry's bought himself a new jaguar. He practically lives in the car.

Os textos analisados não apresentam nenhum caso de coesão lexical como esse, em que itens lexicais relacionem-se implicitamente.

5- emprego de um vocábulo geral, como coisa, pessoa, fazer.

(Nenhuma ocorrência no corpus de nosso trabalho).

Pelos exemplos acima, poder-se-ia pensar na coesão lexical como um relacionamento de diferentes palavras com um mesmo referente. Porém, a coesão lexical pode se estabelecer entre vocábulos que não têm o mesmo referente, como em mesa e cadeira.

As relações lexicais podem ser de diferentes maneiras, dependendo da segunda palavra ser idêntica, inclusiva, exclusiva ou simplesmente não relacionada à primeira palavra:

(3.102) - Há um menino nadando no lago.

a- O menino pode se afogar se não tomar cuidado.

b- Aqueles meninos estão sempre nadando em lagos.

c- E há outro menino querendo entrar no lago.

d- A maioria dos meninos gosta de nadar em lagos.

Por esses exemplos, percebemos que a referência é irrelevante para a coesão lexical e que essa existe como uma relação direta entre os vocábulos.

Meninos e meninas são palavras que não têm o mesmo referente; entretanto, a proximidade dessa palavra, em um texto, contribui para a sua tecitura.

Do mesmo modo, a ocorrência de palavras como quinta-feira e sábado, poesia e verso, norte e sul, etc., torna o texto mais coeso, como em:

(3.103) (MA, F, B, O) - "... se dé pra ele.. água num copo de vidro, ele toma ... sozinho - ele não qué ninguém ... comida, também, ele já come sozinho".

(3.104) (NC,M,A,O) - "... e a gente enchia de água, ãhn, tampava assim co'a ' mangueira, assim, pa água num sai; tinha ... aquele esquicho de que sai água bem forte ..."

Há uma propensão para o aparecimento de ' itens lexicais relacionados; quando há em um texto a palavra férias podendo esperar itens como viagem, pas seio, descanso, etc.

Essa tendência de aparecer itens lexicais' relacionados pode ser entendida como uma colocação de termos semanticamente relacionados.

Colocação é simplesmente um termo que se ' aplica à coesão que resulta da co-ocorrência de itens lexicais que são, de algum modo, associados entre si' e que tendem a ocorrer em ambientes similares.

A partir desse conceito, podemos entender' a coesão lexical apresentando uma subdivisão em dois' tipos: reiteração (mesma palavra, sinônimos, subordi nados) e colocação.

Estabelecem coesão lexical sintagmas de di ferentes estruturas, como:

(3.105) (EP,F,B,E) - "... o menino levou ' um susto! Mas não foi só o menino que se assustou ..."

(3.106) (RO,F,B,O) - "... quando ela fica' boa, dá banho, ... ela vai no mato, precisa ... precisa lavá outra vez ... "

(3.107) (MR,F,B,E) - "Papai é sesteiro, ma mãe olha a casa e olha meus sobri- nhos e juda papai a fazer sesta..."

(3.108) (VL,F,B,E) - "Rosana tem dez anos¹ e está na segunda série² e não gos

ta³ de estudar; Ester tem sete ano¹ está na primeira série² e gosta mui to³ de estudar ..."

(3.109) (PC,M,A,E) - "No caminho foi aquela bagunça; cantando, bulando, e gritando".

(3.110) (WR,M,B,E) - "Mas uma hora compreendi que ela estava serta eu que estava errado ..."

(3.111) (AV,M,B,E) - "O pai arrancou a cinta e deu umas boas cintadas. Não devemos mentir, mentira tem 'perna curta.

Os itnes lexicais são elos numa cadeia de idéias, e apresentam-se interligados uns aos outros ' por relações de sentido, como entre as palavras das ' chamadas famílias ideológicas (casa, habitação, morada, residência), ou, também, estão interligados por ' apresentarem um radical comum, como entre as palavras das famílias etimológicas (povo, povoamento, povoação; locutor, loquaz, eloquência, colóquio).

A coesão lexical (com exceção da repetição) terá mais possibilidade de ocorrer entre indivíduos ' que apresentem um vocabulário maior e mais rico, seja esse vocabulário de palavras cognatas ou de mesmo campo semântico.

Convém lembrar a distinção estabelecida ' por Genouvrier e Peytard (1973, 279) entre léxico e ' vocabulário:

"léxico é o conjunto de todas as palavras' num momento dado, estão à disposição do locutor. São as palavras que ele pode, oportunamente, empregar e compreender; vocabulário é o conjunto de palavras efetivamente empregadas pelo locutor num ato de fala

preciso. O vocabulário é a atualização ' de certo número de palavras pertencentes ao léxico do locutor".

A coesão lexical estabelece-se quando o informante seleciona determinado vocábulo do léxico para tomar parte de sua performance. Quando há coesão lexical, seja ela do tipo reiteração ou colocação, há uma combinação aceitável de vocábulos em um texto. Os itens lexicais são selecionados levando-se em consideração o seu significado, eles são relacionados entre si.

É claro que o meio sócio-cultural da pessoa influencia em seu léxico e, conseqüentemente, no seu vocabulário. A classe social do informante explica as ' ocorrências de:

(3.112) (WR,M,B,0) - "... começamo a tacá pedra na casa dele, né ..."

(3.113) (AO,F,A,0) - "Daí ... a gente nega va algodão, jogava na cara, jogava fósforo, jogava em cima (...) Daí, ele pegô o chinelo, jogô assim ..."

(3.114) (EB,F,A,0) - "Então meu vô começo' a agradá, tudo, ele, mas por pouco que ele num é engolido pelo cachorro".

(único caso de voz passiva na linguagem oral).

(3.115) (RA,F,A,0) - "A gente fazia muita' neraltice, né ... e ... vou contar um acontecimento que houve entre a gente, né".

(3.116) (AV,M,B,0) - "Uma que o outro (...) não gosta muito, não tona muito ' eles, sabe ..."

Os informantes de classe A, mais favorecidos economicamente, encontram com mais frequência situações que requerem uma fala mais elaborada e, mesmo num estilo coloquial, empregam o item lexical "correto" ("jogava" em vez de "tacar"), empregam vocábulos mais eruditos (verbo haver, por exemplo), usam a voz passiva.

Os informantes de classe B mostram um vocabulário mais pobre e com itens lexicais mais populares, como "tacar" por "jogar", e chegam a repetir palavras desnecessariamente, sem estabelecer coesão, como em:

(3.117) (AV,M,B,E) - "O pai disse depois do jantar nós dois vamos juntos até lá na casa dele.
Cidi pensou um pouco e aceitou.
Cidi jantou sem pensar que o pai ia mesmo".

Retomando, vimos que a coesão lexical é o efeito coesivo alcançado pela seleção de vocabulário. Lembramos que as pessoas dispõem de quatro tipos de vocabulário, segundo Garcia (1971, 161) o da língua falada ou coloquial, o da linguagem escrita, o de leitura e o de simples contato. O vocabulário da língua falada e o da linguagem escrita constituem o nosso vocabulário ativo, que serve à expressão de nosso pensamento; o vocabulário de leitura compreende palavras cujo sentido nos é familiar, embora não as usemos, e o vocabulário de contato abrange palavras ouvidas ou lidas, mas cujo sentido preciso nos escapa, e ambos, o vocabulário de leitura e de contato, constituem o nosso vocabulário passivo, que é responsável apenas pela compreensão do pensamento alheio.

A coesão lexical é estabelecida quando selecionamos algum vocábulo do nosso vocabulário ativo e o atualizamos, seja na linguagem oral, seja na escrita.

3.3. Substituição - mecanismo maior de coesão

Halliday e Hasan, como foi visto, fazem uma diferença entre os tipos de coesão considerando o nível linguístico em que esses mecanismos ocorrem:

tipos de coesão	nível linguístico	
Referência	Semântico	
Substituição	Gramatical	} Léxico-gramatical
Elipse	Gramatical	
Coesão lexical	lexical	
Conjunção	Gramatical	

O quadro proposto pelos autores pode ser criticado em pelo menos dois aspectos:

- a) pela falta de generalização
- b) por agrupar mecanismos de ordem tão diferentes entre si.

Uma generalização possível é a de que a coesão se estabelece por meio de substituição.

A substituição entendida por nós é o relacionamento entre dois termos de um texto, sendo que um primeiro termo (A) é substituído por um outro para evitar uma repetição desnecessária e deselegante. Teríamos quatro tipos de substituição:

- 1) A → pronome (e advérbio); Exemplos:

(3.118) (WP, M, A, E) - "Uma vez eu estava voltando da escola e vi um filhote de cachorro todo sujo de lama, mas

era tão bonitinho que eu resolvi ' pegá-lo e levar para casa".

(3.120) (MO,F,B,E) - "Tenho um sobrinho ' que se chama-se Adriano e é muito' briguento e eu na gosto dele por ' que quando ele vem na minha casa e le meche em todas as minhas coi - sas".

2) A → ∅ . Exemplos:

(3.121) (NC,M,A,O) - " ... o Guilherme ... que é meu amigo, entrou na frente. ca carteirinha dele. Depois eu entrei ca^o do Gustavo".

(3.122) (MR,F,B,E) - "... duas irmãs minha trabalho em escritório, uma^o na fá brica, e eu trabalho na fábrica".

3) A → A' . Exemplos:

(3.123) (LC,M,B,O) - "A cor que eu mais gos tava era o ... tem o azul, verde, ' amarelo e vermelho; a que ele mais gostava era verde, amarelo e verme lho ___ agora nenhum dos três tem pressão e o azul tem demais ... o vermelho ainda chega, o amarelo ' co' verde num chega ... o azul pas sa".

(3.124) (EG,F,A,E) - "Era uma vez um menino que estava andando de skate. E daí a pouco o menino perdeu a di reção e levou um tombo".

4) A → B . Exemplos:

(3.125) (NM,M,A,E) - " ___ Nilton, o que '
 você tem nas mãos?
 ___ Tenho cinco dedos em cada uma
 delas.
 ___ Isso eu sei, seu engraçadinho..."

(3.126) (CN,M,A,E) - "Zera que os homens '
 trabalham só por dinheiro ou também
 pelo gosto de trabalhar.
Isto ninguém sabe ..."

Explicitando mais, entendemos a referência como uma substituição pronominal; a elipse como uma substituição por um braço, por um vazio, por \emptyset ; a coesão lexical como uma substituição por um item relacionado ao primeiro. A substituição de A por B é a substituição propriamente dita, em que um termo é substituído por outro para evitar a sua repetição. É desse modo que entendemos a substituição como sendo o mecanismo maior de coesão.

O emprego de determinada substituição (ou o uso de determinado mecanismo de coesão) é facultativo para o falante. Este tem a seu dispor um leque de possibilidades para relacionar os termos. A opção por determinado mecanismo de coesão depende, em parte, do interlocutor. Por exemplo:

- a) Numa conversa em que o interlocutor é uma criança ou uma pessoa sem muita instrução, muitas vezes é necessário o uso de sinônimos para que a comunicação se estabeleça (coesão lexical);
- b) A opção pela elipse requer cuidado, porque é um mecanismo de coesão que exige mais do interlocutor, uma vez que ela é um "dizer sem dizer", ou seja, a elipse é um mecanismo de coesão em que alguma

coisa é entendida sem ser dita ($A \rightarrow \emptyset$ em que \emptyset deve ser entendido como A). A elipse é um mecanismo de coesão que requer raciocínio por parte do interlocutor.

Apesar de os autores citados não terem feito a generalização pensada por nós, eles reconhecem a força da substituição quando dizem (página 226)

"Perhaps the most strictly cohesive relation is that of substitution, including ellipsis. Substitution is a purely textual relation, with no other function than that of cohering one piece of text to another. The substitute, or elliptical structure, signals in effect supply the appropriate word or words already available; it is a grammatical relation, one which holds between the words and structures themselves rather than relating them through their meanings".

Além de criticarmos a falta de generalização, questionamos o mecanismo de referência em dois aspectos: principalmente, o próprio emprego da palavra referência, cujo conceito é muito abstrato, muito usado na semântica; em segundo lugar, o fato de Halliday e Hasan considerarem mecanismos de natureza tão diversas (como a referência e a substituição) como sendo causadores de um mesmo efeito coesivo. A diferença entre substituição e referência é muito grande, pois esta é um mecanismo semântico e aquela é um mecanismo gramatical. Há o atenuante de que toda relação semântica se faz através da estrutura.

Se de um lado há essa diferença entre os mecanismos de referência e substituição, não podemos nos esquecer da diferença entre a conjunção e os demais mecanismos, uma vez que a finalidade principal da conjunção é unir orações enquanto que os outros quatro mecanismos de coesão propostos têm a finalidade de relacionar termos de um texto. Apesar dessa diferença, parece-nos necessário considerar a conjunção como mecanismo de coesão textual pois sem dúvida ela estabelece coesão entre as orações, tornando um conjunto de orações um todo unificado, um texto.

4. Mecanismos de coesão característicos do português

4. Mecanismos de coesão característicos do português

Halliday e Hasan apresentaram os mecanismos de coesão do inglês e vimos, no capítulo 3, que eles também ocorrem em português.

Em nosso idioma, a nosso ver, há outros mecanismos que colaboram para estabelecer a tecitura em um texto, tais como a flexão do nome (em gênero e número) e a flexão do verbo (desinência de pessoa ou sufixo número-pessoal).

Vimos que tecitura é o relacionamento entre dois ou mais elementos do texto, que se faz através de traços linguísticos.

Em um sintagma nominal do tipo o menino há uma redundância para indicar o gênero masculino e o número singular; há um desdobramento de marcas de tipo gramatical: as marcas de masculino e de singular aparecem duas vezes, no artigo o e no substantivo menino.

Quando flexionado, o sintagma nominal acima ainda apresentará os traços linguísticos redundantes: a menina, os meninos, as meninas.

Os traços linguísticos de gênero e número, mesmo sendo redundantes, estão incorporados na língua e nenhum falante nativo diz "o menina, as meninos".

No corpus de nosso trabalho, entretanto, temos exemplos do tipo:

- (4.1) (AA,F,B,O) - "... na casa de umas freira, sabe ..."
- (4.2) (HP,M,A,O) - "... quebrô o nariz em três lugar, teve que ir pra Santa Casa ..."
- (4.3) (MA,F,B,E) - "Piloto já sabe da obrigação dele que todas as tarde e pula no tanque ..."

A flexão de número, pelos exemplos acima, é marcada apenas nos determinantes, não existindo traços

linguísticos redundantes. A idéia de pluralidade permanece, mas é marcada uma única vez.

Com a flexão de gênero o mesmo não ocorre e, por isso, em nosso trabalho, consideramos como mecanismo de coesão apenas a flexão de gênero.

Quanto à flexão verbal, sabemos que ela é feita em número e pessoa. Assim, cada forma verbal apresenta uma desinência que identifica o sujeito, mesmo que este não esteja presente, como em:

(4.4) (WR,M,B,O) - "... então daí (...) foi lá em casa ..." (foi é o verbo ir conjugado na 3ª pessoa do singular - ele).

(4.5) (MO,F,B,E) - "Tenho um sobrinho que se chama-se ..." (tenho é o verbo ter conjugado na 1ª pessoa do singular - eu).

Em nosso trabalho, consideramos a desinência verbal como um mecanismo de coesão apenas nos casos em que o sujeito não é exposto.

Pelo que foi exposto, fundamentamos a análise da flexão de gênero e da desinência verbal como mecanismos de coesão do português.

Lembramos que em inglês:

A) os determinantes são invariáveis (the boy, the girl);

B) o verbo não apresenta flexão de pessoa (com exceção da terceira pessoa do singular do presente do indicativo), o que obriga o uso do pronome para identificação do sujeito (I study, we study, they study).

As diferenças entre os sintagmas nominais e as formas verbais do português e no inglês:

A) <u>o</u> menino	the boy
<u>a</u> menina	<u>the</u> girl
B) estudo	<u>I</u> study
estudamos	<u>We</u> study
estudam	<u>They</u> study confirmam . '

nossa análise de que a flexão de gênero e a desinência verbal são mecanismos de coesão' característicos do português.

4.1. A flexão de gênero

A flexão do nome nos aspectos de gênero e número é uma característica das línguas neo-latinas.

O gênero condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina e tem como flexão básica um sufixo flexional, ou desinência, - a (átomo final) para a marca do feminino. Exemplo: professor, professora; autor, autora.

Essa flexão nominal é apresentada de uma maneira confusa nas gramáticas normativas, principalmente porque os autores costumam associar a flexão de gênero ao sexo dos seres.

Cunha, por exemplo, quando expõe a formação do feminino, diz:

"Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

"A descrição exata", para Câmara, "é dizer que o substantivo mulher é sempre feminino, ao passo que outro substantivo, a ele semanticamente relacionado, é sempre do gênero masculino".

Para Cunha, "o adjetivo varia em gênero e número de acordo com o gênero e número do substantivo ao qual se refere. É por essa correspondência de flexões que, em nosso idioma, os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase." (grifo nosso).

Exemplos:

(4.6) (WS,M,B,E) - "Uma partida difícil com parando com as anteriores, mas se o Brasil ganhar muito bem o que é difícil, se perder será desclassificado."

(4.7) (RA,F,A,E) - "Carlinhos estava tão em graçado com a cartola na cabeça ..."
"... quem iria ficar acamada era Deni se ..."

(4.8) (CC,F,A,E) - "Estava indo para a missa era um domingo de sol e eu encontrei um cachorrinho novinho estava perdido ..."

Nesse último exemplo, é a flexão de gênero!

que estabelece coesão com o termo cachorrinho e não a desinência verbal, que é mesma da primeira pessoa do singular.

O fato de dois termos serem "inequivocamente relacionados" prende-se muito mais, a nosso ver, à flexão de gênero, pois nem sempre se faz a devida flexão de número, conforme:

(PC,M,A,O) - "... tava vendo as pomba ..."

(LC,M,B,O) - "... põe as pecinha na mãozi-
nha ..."

(MA,F,B,E) - "Piloto todos os dia ele acorda 6 horas da manhã e agorda' todo mundo".

A flexão de número deixa de ocorrer principalmente na linguagem oral, e essa falta de concordância nominal é frequente tanto para os informantes de classe A como para os de classe B.

A flexão de gênero, entretanto, apresenta poucos "erros" em relação à linguagem padrão. Há apenas quatro na narrativa oral, de uma só informante, EP, de classe B, que apresenta três ocorrências do pronome eles referindo-se a ela e a filha da vizinha e uma vez EP emprega elas referindo-se a sua irmã e a vizinha (elas eles), conforme:

(4.9) "A vizinha falô assim "não, eles num' tão aqui, não" (...) ela falô assim "acho que eles saíram por aí" (...) cada pouco elas viam manga voá... A minha irmã falô assim "pera aí que eu sei onde elas tão."

Algumas vezes, nas redações, a letra não é muito legível e surgem dúvidas se há a devida concordância nominal. Com certeza, só podemos citar dois casos de flexão inadequada de gênero:

(4.10) (MN,M,A,E) - "Está bem, é um periqui-
tinho, acheia na rua ..."

(4.11) (LZ, F,A,E) - "Nada mãe! respondeu"
meia ressabiada

Em nosso trabalho, no entanto, quantifica-
mos essas ocorrências indevidas de flexão de gênero. ' No que diz respeito à quantificação dos laços coesivos estabelecidos pela flexão de gênero, temos a esclare-
cer que foram quantificados todos os vocábulos flexio-
náveis em gênero:

A) os pronomes (ele/ela, meu/minha, esse/ ' essa, algum/alguma, etc). Exemplos:

(4.12) (RA,M,B,O) - "Daí meu cunhado que na
mora minha irmã perguntô o que ele ' tinha."

(4.13) (NP,M,B,O) - "... tava a Elaine co ' namorado dela, eu esperei. Falei ' assim "se ele não sai agora ..."

B) os adjetivos, biformes e uniformes. E-
xemplos:

(4.14) (NO,F,B,E) - "Minha casa é muito ' grande e tem também um quintal enor- me e onde dia 24 de junho eu irei ' realizar uma festa junina.

(4.15) (VL,F,B,O) - "... ia trabalhá lá ... aquele sol quente ..."

(4.16) (RA,F,A,O) - "... tinha uma parte ' que era bem funda, e tinha só ... ' uma parte pequena pra, de cimento , né, pra gente andar, né."

Os adjetivos uniformes foram quantificados' porque em um sintagma sominal eles estão se referindo'

a substantivos masculinos ou femininos. Se eles fossem substituídos por adjetivos biformes, teríamos: "minha casa é muito bonita" (...) e tem também um quintal bonito ..."

C) Os artigos (o/a, os/as, um/uma, uns/umas)

Exemplos:

(4.17) (HP,M,A,O) - "... deram um chute no nariz dele, quebrô o nariz em três!

(4.18) (AA,F,B,E) - "As chacretes inconformadas com a perda do patrão o caixão pelas ruas da cidade num desfile..."

(4.19) (AO,F,A,O) - "Era um quartinho as - sim, que tem no quintal assim ..."

D) Os numerais (dois/duas, primeiro/primeira). Exemplos:

(4.20) (AA,F,B,O) - "... e ficô uma queima dura de primeiro grau ..."

(4.21) (VL,F,B,E) - "... Ester tem sete ano está na primeira série ..."

(4.22) (MR,F,B,O) - "... três moça e um moço; duas casada, né ..."

(4.23) (MR,F,B,E) - "Minha família é composta (...) dois sobrinhos e dois cunhadós."

Quando quantificamos as ocorrências de coesão pelo gênero, consideramos todo o sintagma nominal; por exemplo, em "na primeira série" há três laços coesivos, em "dois sobrinhos" o gênero masculino está marcado duas vezes.

Resta dizer que a flexão de gênero também foi quantificada quando o adjetivo está no masculino "

ou no feminino para concordar com o sexo do informantes, como em:

(4.24) (AC, F, A, O) - "Minha mãe falô assim '
"cê tá loca ..."

(4.25) (LC, M, B, E) - " ... é lá que cresci, '
é onde sou bem tratado por um casal"

4.2. Desinência verbal

O verbo é uma das palavras variáveis da língua portuguesa, podendo flexionar-se em número, pessoa, modo, tempo e voz.

As flexões de número e pessoa constituem o chamado sufixo número-pessoal (SNP) ou a desinência verbal. É o SNP que identifica o sujeito. Assim, no exemplo:

(4.26) (WS, M, B, E) - "Vou torser para que o '
Brasil ganhe ..."

É o sufixo número-pessoal/ ou /que identifica o sujeito como primeira pessoa do singular. O ' sujeito da oração é quem fala, é o emissor.

Para Câmara, esse SNP "não é propriamente ' verbal, pois serve para assinalar, apenas, na forma ' verbal, a pessoa pronominal do sujeito, entendido como o ser de que parte o processo verbal".

O sufixo número-pessoal evita a repetição ' do sujeito, que é indicado pela flexão verbal a ele ajustada:

(4.27) (EB, F, B, O) - "Eu num gosto de lá, nun
ca gostei."

(4.28) (NC, M, A, O) - "Ah, a gente brincava de
..., jogava bola, andava de bicicle-
ta ..."

Para nós, o fato de a flexão verbal indicar o sujeito permite-nos a análise da desinência verbal ' como um mecanismo de coesão. Assim, em (4.27), a forma verbal gostei está relacionada a gosto (primeira ' pessoa do singular, nos dois casos); em (4.28) as formas verbais jogava e andava têm o mesmo sujeito de ' brincava (terceira pessoa do singular).

Em nosso trabalho, consideramos o sufixo nú mero-pessoal ou desinência verbal como mecanismo de ' coesão apenas nos casos em que o sujeito é omitido. Assim, em (4.28), temos dois laços coesivos (jogava e andava) enquanto que em (4.27), temos apenas um laço ' coesivo (gostei).

Na linguagem oral, muitas vezes, a desinência verbal sofre uma alteração e, desse modo, temos exemplos como:

(4.29) (AA,F,B,0) - "... a água viva com ra bo, sabe, essas água viva que tem ra bo, sabe, agarrô assim ... pegô as - sim o braço dela ..." (agarrou, pe - gou).

(4.30) (RP,F,B,0) - "... os aluno não deixa a professora falá ..." (deixam)

(4.31) (WP,M,A,0) - "Chegamo lá ... chegamo lá quase 7 horas ..." (chegamos)

(4.32) (AC,F,A,0) - "Primeiro dia que a gen te foi de carro, quebrô o carro (...) furô o pneu " (quebrou, furou)

Há casos em que o SNP é simplesmente omitido, como em :

(4.33) (EB,F,B,0) - "Nóis sempre moramo assim, por exemplo, um ano - de - ' poi mudava ... despoi voltamo lá ... (mudávamos)

(4.34) (MB,F,B,O) - "... n^{ói} queria uma festa ..."
(queríamos)

A ausência, total ou parcial, da desinência verbal não impede a coesão, pois consideramos o problema de registro. Para a informante MB, por exemplo, a forma verbal queria é adequada ao sujeito "n^{ói}".

Normalmente, os alunos apresentam, na escrita, a flexão verbal correta, apesar de alterarem o sufixo número-pessoal na linguagem oral. Mas há casos em que os informantes não adequaram, na escrita, a desinência verbal ao sujeito:

(4.35) (AV,M,B,E) - "Eles estava quase chegando na casa do vizinho."

(4.36) (LZ,F,A,E) - "Quando cheguei em casa (...)
- Nada mãe! respondeu meia ressabiada."

(4.37) (RP,F,B,E) - "... porque eles falaram que não ia me registrar..."

É essa inadequação do sufixo número-pessoal ao sujeito que estabelece os chamados "erros" de concordância verbal.

No tocante à coesão estabelecida pela desinência verbal, uma redação em particular nos chamou a atenção: há, no primeiro parágrafo, a ocorrência do 'sujeito eu e, no desenvolvimento da narrativa, a informante usa dezesseis vezes o verbo flexionado na primeira pessoa do singular, sem o sujeito:

(4.38) (RP,F,B,E) - "O ano passado eu estava estudando a tarde das 3,20h as 7,20h. mas este ano já estou¹ estudando a noite para trabalhar durante o dia.
Comecei² trabalhar (...) fiquei³ em-

prega lá (...) mas precisei⁴ sair ' (...)

Daí três semanas que sai⁵ (...) en-
trei⁶ na Industria de Calçados ... ,
já faz um mês e meio que estou⁷ lá ,
gosto⁸ , não faco⁹ serviço pesado, fa-
ço¹⁰ enfeite, ganho¹¹ suficiente a mi-
nha idade, já estou¹² registrada.

Mas não pretendo¹³ ficar anos lá, '
porque ja tenho¹⁴ datilografia com -
pleta, e pretendo¹⁵ trabalhar num es-
critorio.

Ainda não achei¹⁶ emprego nuns escri-
torio porque sou¹⁷ nova ainda."

Para nossa análise, o exemplo (4.38) apre-
senta dezessete ocorrências de coesão motivada pela de-
sinência verbal.

Na linguagem escrita, os casos em que há a
ausência do sujeito ocorrem quando as orações estão '
próximas, geralmente no mesmo período, conforme:

(4.39) (FH,M,B,E) - "Bobi e um camzinho mui-
to inteligente tem 3 mezes de vida.."

(4.40) (AV,M,B,E) - "Certo dia Cidi estáva'
jogando pedra no jardim.
De repente acertou o vidro de um '
carro".

(4.41) (RA,F,A,E) - "Todas as manhãzinhas '
os três acordavam tomavam, um bom ca-
fé com leite e pão com manteiga, e
depois iam na cachueirinha que tinha
lá perto".

(4.42) (WP,M,A,E) - "Mamãe saiu e foi no '
quarto ver se tinha alguma coisa.
Quando viu um cachorro todo sujo e
perguntou (...)"

Resta dizer que a desinência verbal é o recurso gramatical que possibilita a omissão do sujeito' sem prejudicar o entendimento do texto.

5. As variáveis

5. As variáveis

Para estudar o desempenho dos pré-adolescentes, no que diz respeito à coesão textual, escolhemos uma variável linguística (língua escrita e falada) e duas variáveis sociais (sexo e classe social do informante).

5.1.1. A variável linguística

Quanto à variável linguística, pretendíamos verificar em que medida o emprego dos mecanismos de coesão, por nossos informantes, estaria relacionado com a variação do meio gráfico e fônico.

Muitas vezes, há, no início das gravações, uma fala cuidada; conforme os informantes estavam mais à vontade, conseguimos relatos na fala espontânea. Esta fala espontânea é, segundo Labov, um estilo que se caracteriza pelo envolvimento emocional do informante na narrativa.

As redações, por sua vez, são marcadas por um estilo mais cuidadoso; os informantes estão mais atentos à sua atuação linguística, apesar de haver exemplos próximos à linguagem oral.

Vimos em 2.2., a reação de R0 à mudança de contexto - sua narrativa oral sobre a cachorrinha é muito diferente da narrativa escrita sobre o mesmo tema.

5.1.2. As variáveis sociais

Em nossa pesquisa, consideramos duas variáveis sociais: o sexo e o grupo social do informante.

Como relatamos em 1.1, pudemos agrupar os informantes em duas classes sociais, A e B, sendo que em cada grupo há dez informantes de sexo masculino e

dez informantes de sexo feminino.

Nossa pesquisa visa, portanto, observar se o emprego dos mecanismos de coesão textual está em relação com fatores estra-linguísticos.

5.2. Resultados obtidos

5.2.1. Resultados relativos

Os dois grupos apresentam uma variação quanto ao emprego dos mecanismos de coesão condicionada pela variação entre linguagem oral e escrita.

Na linguagem escrita, estilo mais cuidado, os dados encontrados (ver tabelas 13 e 14) permitem a elaboração de uma única tabela, comum aos dois grupos, com a ordem decrescente do uso dos mecanismos de coesão:

- gênero
- coesão lexical
- referência
- conjunção
- desinência verbal
- elipse
- substituição

Na linguagem oral, os dados apresentam variações e para cada classe há uma tabela, conforme:

Classe A	Classe B
gênero	gênero
referência	referência
coesão lexical	coesão lexical
conjunção	desinência verbal
desinência verbal	conjunção
elipse	elipse
substituição	substituição

Os dois grupos apresentam uma diferença condicionada pela variável estilística: o mecanismo de coesão mais utilizado em segundo lugar, na linguagem escrita, é a coesão lexical que, na linguagem oral ocupa a terceira posição.

O maior emprego da referência na linguagem oral é explicável pelo fato de os informantes terem feito uma narrativa mais pessoal e apresentarem uma frequência maior de pronomes possessivos (meu primo, minha mãe).

O fato da classe B apresentar mais ocorrências de desinência verbal como mecanismo de coesão na linguagem oral é revelador da insegurança linguística do grupo. Os informantes de tal grupo sentem-se mais seguros em flexionar o verbo sem o sujeito porque, na gravação, podem desfazer dúvidas quanto ao sujeito que está omitido.

Tal fato não ocorre com a classe A que, tanto na linguagem oral como na escrita, apresenta a desinência verbal como o mecanismo de coesão ocupando o quinto lugar na ordem decrescente do emprego dos mecanismos.

5.2.2. Resultados relativos às variáveis sociais

5.2.2.1. Sexo

No grupo A, os meninos e as meninas empregam os mecanismos de coesão na mesma ordem decrescente, tanto na linguagem oral como na escrita (ver tabelas 13 e 15).

No grupo B, os meninos e as meninas empregam os mecanismos de coesão na mesma ordem decrescente apenas na linguagem escrita (ver tabela 14). Na linguagem oral, os informantes de classe B apresentam diferenças (ver itens 3 a 6 da tabela 16). A frequência do emprego da desinência verbal como mecanismo de coesão, por exemplo, coloca o sufixo número-pessoal ' em terceiro lugar para os meninos e em quinto lugar ' para as meninas, o que indica que os meninos de classe B não confiam na força coesiva da desinência verbal e só a usam com maior frequência na linguagem oral, ' isto é, quando estão presentes para resolver possíveis dúvidas quanto ao sujeito da oração.

A tabela 17 foi calculada a partir da soma dos mecanismos de coesão utilizados pelos meninos e ' pelas meninas, tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. Esse cálculo nos permite a verificação de quais os informantes, meninos ou meninas, usam ' mais determinado mecanismo de coesão.

Os dados da tabela 17 indicam que os meninos empregam com maior frequência os mecanismos de ' substituição, elipse e desinência verbal. Esses ' três mecanismos são mais objetivos e práticos, conforme:

substituição	=	A → B
elipse	=	A → ∅
desinência verbal	=	∅ - verbo
		(sujeito)

Os meninos revelam um raciocínio mais lógico

co e mais objetivo, pois evitam a repetição de itens subentendidos. A afirmação pode ser criticada se lembrarmos da situação da entrevista em que os alunos estavam diante de sua professora e talvez se sentissem um pouco tolhidos, não querendo ser redundantes.

É importante lembrar, nesta seção, que os meninos de classe A foram os únicos informantes a usar o mecanismo de substituição (quatro ocorrências, na linguagem escrita, tabela 13).

5.2.2.2. Classe social

Os informantes de classe A são os únicos que usam o mecanismo de substituição, na linguagem escrita.

A classe A -éa que mais emprega conjunção, tanto na linguagem oral como na linguagem escrita.

A tabela 18 indica que a classe A usa mais referência e coesão lexical na linguagem oral, enquanto que a classe B usa mais esses mecanismos na escrita. Esse resultado revela que os informantes de classe B não têm segurança quanto ao código escrito e por isso empregam mais frequentemente o pronome (referência) e o nome (coesão lexical).

A classe B apresenta mais ocorrências de desinência verbal na linguagem oral, o que confirma a sua insegurança linguística em relação à escrita (acima). Os informantes de classe B sentem-se mais seguros na entrevista, dominam mais o código oral.

5.2.3 Resultados relativos à média dos quocientes

A partir da média dos quocientes (tabelas 9 a 12), criamos os seguintes quadros:

Oral				Escrita			
A		B		A		B	
M	F	M	F	M	F	M	F
3,2	3,7	3,2	3,3	3,7	3,9	3,7	3,8

As médias dos quocientes da escrita são muito próximas (3,7 a 3,9), o que nos permite deduzir uma padronização entre as classes sociais.

As médias dos quocientes da linguagem oral não permitem uma padronização, pois o índice referente às meninas de classe A é muito mais alto. Afora o índice de 3,7 das meninas de classe A, é possível uma padronização, pois os dados são praticamente iguais (3,2 e 3,3) (ver gráfico 1).

Os resultados encontrados confirmam o trabalho de Labov, para quem há menos oposições entre as classes sociais no estilo mais cuidado. Em nossa análise, quando opomos linguagem oral a linguagem escrita, estamos opondo estilo informal a estilo cuidado e, como vimos, os dois grupos apresentam uma padronização quanto à escrita.

O alto índice do emprego dos mecanismos de coesão na linguagem oral das meninas de classe A é próximo ao índice da linguagem escrita (respectivamente, 3,7 e 3,9), o que revela que tais informantes têm um desempenho linguístico relativamente igual, quanto à coesão textual (ver gráfico 2).

O comportamento linguístico das meninas de classe A é indício de uma linguagem mais formal - mesmo numa narrativa oral, em estilo coloquial, elas utilizam formas linguísticas predominantes de um estilo formal. Nos 40 textos orais, há só um caso de voz passiva e foi uma informante de classe A (EB) que usou tal construção.

Na linguagem oral, tais informantes usam

formas de tratamento mais formais (senhora, dona) e não empregam o pronome voce quando se referem a nós.

Na linguagem escrita, são elas que apresentam a média relativa aos mecanismos de coesão mais elevada e, também, são as que apresentam menos erros gramaticais.

É importante o resultado dos índices relativos aos meninos. Pelos resultados obtidos, vimos que os meninos de classe A e B apresentam um mesmo comportamento diante da coesão textual, seja ela na linguagem oral ou escrita. Nessa idade, os meninos evitam falar "como as meninas", querem se auto-afirmar e usam uma linguagem bastante informal, querendo mostrar sua masculinidade.

5.2.4. Resultados relativos às diferenças entre maior e menor quociente.

A partir da diferença entre maior e menor índice (tabelas 9 a 12) elaboradas os seguintes quadros:

Oral				Escrito			
A		B		A		B	
M	F	M	F	M	F	M	F
1,6	1,2	1,4	2,0	2,8	2,0	3,4	1,8

Os índices de diferenças são maiores na escrita, para os meninos de classe B.

É um resultado que indica grandes diferenças individuais, quanto à coesão textual entre os informantes: há alunos que apresentam um quociente baixo (DF = 2,3; FH = 2,8) enquanto que outros não

(RA = 5,7 ; NP = 4,7). Os que apresentam um índice mais alto têm um maior domínio do código escrito.

O menor índice de diferença é o das meninas de classe A que, como vimos em 5.2.3, mostram-se bastante formais e têm um desempenho oral, no aspecto de coesão, muito próximo ao do escrito. As meninas de classe A, portanto, apresentam menos diferenças individuais na linguagem oral.

As meninas de classe B apresentam diferenças entre maior e menor índice muito próximas: 2,0 na linguagem oral e 1,8 na linguagem escrita. Elas têm, enquanto grupo, um mesmo comportamento em relação à coesão textual, independente do estilo.

Os meninos dos dois grupos sociais apresentam um mesmo comportamento: na linguagem escrita, grandes diferenças individuais no tocante à coesão textual (3,4 - 2,8) e na oral, não (1,4 - 1,6). O desempenho oral dos meninos apresentam uma menor diferença entre eles em relação à escrita (B - 3,4 - 1,4/ A - 2,8 - 1,6); além de indicar uma falta de domínio do código escrito, indica também que, na linguagem oral, os meninos dos dois grupos sociais estabelecem coesão sem grandes diferenças individuais. Há, entre os meninos, uma variação entre maior e menor quociente na escrita muito maior que na fala, como vimos.

Tabelas

TABELA 1 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na
Linguagem escrita dos informantes de sexo masculino, da classe A

Infor- mantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de orações
NC	11	-	5	8	12	58	8	25
HP	3	-	8	7	18	49	8	20
JB	4	-	4	7	13	41	8	22
EO	1	-	5	10	21	63	5	20
WP	28	-	9	26	25	108	22	62
NM	29	2	2	10	10	55	17	49
PC	5	-	3	8	7	52	8	25
PE	2	-	2	11	5	30	12	21
AV	9	-	4	8	15	50	7	21
CN	8	2	2	4	6	40	-	19

TABELA 2 - Ocorrência dos mecanismos de coesão na linguagem escrita dos informantes de sexo feminino, da classe A

Infor- mantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de Orações
LP	8	-	2	13	10	53	6	19
EV	11	-	2	8	9	50	9	25
EB	3	-	1	4	6	26	10	16
AO	8	-	4	12	18	57	5	23
AC	5	-	3	7	15	46	7	18
EG	4	-	1	7	12	46	2	16
LZ	16	-	5	7	6	33	11	25
PV	19	-	1	6	14	51	3	25
RA	9	-	3	12	28	94	6	40
CC	26	-	2	14	11	52	8	34

TABELA 3 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na
 linguagem escrita dos informantes de sexo mascu-
 lino, da classe B.

Infor- mantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de orações
RA	3	-	3	5	19	51	-	14
NZ	24	-	4	14	8	48	10	35
WS	1	-	3	3	18	45	2	19
DP	6	-	5	14	8	16	4	23
FH	13	-	-	1	8	34	2	20
NP	7	-	3	7	16	38	5	16
LC	19	-	2	10	16	56	12	29
WR	22	-	-	12	20	46	7	26
AV	20	-	4	9	48	110	15	57
CJ	1	-	2	2	17	76	6	18

TABELA 4 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na
 linguagem escrita dos informantes de sexo femi
 nino, da classe B.

Infor- mantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de orações
RO	14	-	-	6	6	27	2	14
RP	7	-	-	11	13	43	18	29
EP	9	-	1	11	19	73	7	30
VL	33	-	1	18	28	75	16	52
MA	17	-	2	12	18	79	9	40
EZ	2	-	-	7	13	36	-	16
AA	9	-	2	2	6	61	-	18
MR	28	-	2	13	28	77	4	31
MO	22	-	-	11	13	55	5	25
MB	14	-	7	3	19	71	4	28

TABELA 5 - Ocorrências dos mecanismos de coesão na linguagem oral dos informantes de sexo masculino, da classe A.

Informantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência verbal	Número de orações
NC	23	-	13	17	34	86	15	54
HP	10	-	8	5	23	72	11	34
JB	35	-	13	8	15	63	11	41
EO	22	-	7	6	23	79	9	46
WP	50	-	5	8	27	79	11	47
NM	28	-	4	19	19	62	17	51
PC	19	-	3	12	14	49	17	50
PE	23	-	13	15	18	55	15	49
AV	24	-	5	22	13	72	7	37
CN	20	-	4	12	21	45	8	37

TABELA 6 - Ocorrência dos mecanismos de coesão na linguagem oral dos informantes de sexo feminino, da classe A.

Informantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de oração
LP	7	-	6	9	29	48	7	30
EV	38	-	11	22	28	75	8	48
EB	29	-	6	13	27	93	11	40
AO	20	-	12	10	17	53	11	39
AC	19	-	5	7	18	43	7	29
EG	26	-	3	11	25	58	2	31
LZ	67	-	5	15	20	80	6	54
PV	36	-	8	28	40	112	13	59
RA	46	-	10	21	24	107	10	54
CC	33	-	-	23	24	106	12	53

TABELA 7

Ocorrência dos mecanismos de coesão na
 linguagem oral dos informantes de sexo masculi
 no, da classe B.

Informantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de orações
RA	37	-	4	7	11	70	19	48
NZ	45	-	16	19	26	71	18	68
WS	10	-	8	4	11	27	3	21
DP	22	-	8	6	17	89	20	47
FH	17	-	9	10	10	40	6	24
NP	46	-	9	9	15	51	29	62
LC	23	-	18	5	17	90	13	43
WR	24	-	3	20	12	59	14	44
AV	32	-	9	14	17	91	18	57
CJ	29	-	16	14	17	88	21	51

TABELA 8

Ocorrência dos mecanismos de coesão na
 linguagem oral dos informantes de sexo femini
 no, da classe B.

Infor- mantes	Referência	Substituição	Elipse	Conjunção	Coesão Lexical	Gênero	Desinência Verbal	Número de orações
RO	47	-	14	31	26	125	19	81
RP	13	-	7	10	22	55	8	45
EP	35	-	4	7	22	75	10	52
VL	23	-	3	20	28	84	12	41
MA	32	-	10	15	26	64	17	59
EZ	21	-	5	8	13	33	8	26
AA	29	-	9	21	19	83	11	41
MR	20	-	22	12	16	53	28	54
MO	13	-	3	8	6	27	7	17
MB	19	-	6	18	20	56	8	40

TABELA 9

Quociente (Mecanismo de coesão) da linguagem escrita
Número de orações classe A

Masculino		Feminino	
NC	$\frac{102}{25} = 4,0$	LP	$\frac{98}{19} = 5,1$
HP	$\frac{93}{20} = 4,6$	EV	$\frac{89}{25} = 3,5$
JB	$\frac{72}{22} = 3,5$	EB	$\frac{50}{16} = 3,1$
EO	$\frac{105}{20} = 5,2$	AO	$\frac{104}{23} = 4,5$
WP	$\frac{218}{62} = 3,5$	AC	$\frac{83}{18} = 4,6$
NM	$\frac{125}{49} = 2,5$	EG	$\frac{72}{16} = 4,5$
PC	$\frac{83}{25} = 3,3$	LZ	$\frac{78}{25} = 3,1$
PE	$\frac{62}{21} = 2,9$	PV	$\frac{94}{25} = 3,7$
AV	$\frac{93}{21} = 4,4$	RA	$\frac{152}{40} = 3,8$
CN	$\frac{62}{19} = 3,2$	CO	$\frac{113}{34} = 3,3$

Diferença entre maior e menor
quociente = 2,8

Média dos quocientes = 3,7

Diferença entre maior e menor
quociente = 2,0

Média dos quocientes = 3,9

TABELA 10

Quociente (Mecanismo de coesão) da linguagem escrita;
Número de orações classe B.

Masculino		Feminino	
RA	$\frac{81}{14} = 5,7$	RO	$\frac{55}{14} = 3,9$
NZ	$\frac{108}{35} = 3,0$	RP	$\frac{92}{29} = 3,1$
WS	$\frac{72}{19} = 3,7$	EP	$\frac{120}{30} = 4,0$
DP	$\frac{53}{23} = 2,3$	VL	$\frac{171}{52} = 3,2$
FH	$\frac{58}{20} = 2,9$	MA	$\frac{137}{40} = 3,4$
NP	$\frac{76}{16} = 4,7$	EZ	$\frac{58}{16} = 3,6$
LC	$\frac{115}{29} = 3,9$	AA	$\frac{80}{18} = 4,4$
WR	$\frac{107}{26} = 4,1$	MR	$\frac{152}{31} = 4,9$
AV	$\frac{206}{57} = 3,6$	MO	$\frac{106}{25} = 4,2$
CJ	$\frac{104}{18} = 3,9$	MB	$\frac{118}{28} = 4,2$

Diferença entre maior e menor
quociente = 3,4

Média dos quocientes = 3,7

Diferença entre maior e menor
quociente = 1,8

Média dos quocientes = 3,8

TABELA 11

Quociente (Mecanismos de coesão) da linguagem oral;
Número de orações

classe A.

Masculino		Feminino	
NC	$\frac{188}{54} = 3,4$	LP	$\frac{106}{30} = 3,5$
HP	$\frac{129}{34} = 3,7$	EV	$\frac{182}{48} = 3,7$
JB	$\frac{145}{41} = 3,5$	EB	$\frac{179}{40} = 4,4$
EO	$\frac{146}{46} = 3,1$	AO	$\frac{123}{39} = 3,1$
WP	$\frac{180}{47} = 3,8$	AC	$\frac{99}{29} = 3,4$
NM	$\frac{149}{51} = 2,9$	EG	$\frac{125}{31} = 4,0$
PC	$\frac{114}{50} = 2,2$	LZ	$\frac{193}{54} = 3,5$
PE	$\frac{139}{49} = 2,8$	PV	$\frac{232}{59} = 4,0$
AV	$\frac{143}{37} = 3,8$	RA	$\frac{218}{54} = 4,0$
CN	$\frac{110}{37} = 2,9$	CC	$\frac{198}{53} = 3,7$

Diferença entre maior e menor
quociente = 1,6

Média dos quocientes = 3,2

Diferença entre maior e menor
quociente = 1,2

Média dos quocientes = 3,7

TABELA 12

Quociente (Mecanismos de coesão) da linguagem oral;
Número de orações

classe B.

Masculino		Feminino	
RA	$\frac{148}{48} = 3,0$	RO	$\frac{262}{81} = 3,2$
NZ	$\frac{195}{68} = 2,8$	RP	$\frac{115}{45} = 2,5$
WS	$\frac{75}{21} = 3,5$	EP	$\frac{153}{52} = 2,9$
DP	$\frac{162}{47} = 3,4$	VL	$\frac{170}{41} = 4,1$
FH	$\frac{92}{24} = 3,8$	MA	$\frac{164}{59} = 2,7$
NP	$\frac{159}{62} = 2,5$	EZ	$\frac{88}{26} = 3,3$
LC	$\frac{166}{43} = 3,8$	AA	$\frac{172}{41} = 4,1$
WR	$\frac{132}{44} = 3,0$	MR	$\frac{151}{54} = 2,7$
AV	$\frac{181}{57} = 3,1$	MO	$\frac{78}{17} = 4,5$
CJ	$\frac{185}{51} = 3,6$	MB	$\frac{127}{40} = 3,1$

diferença entre maior e menor
quociente = 1,4

Média dos quocientes = 3,2

Diferença entre maior e menor
quociente = 2,0

Média dos quocientes = 3,3

TABELA 13 - Índices dos Mecanismos de Coesão
na linguagem escrita da classe A

	Masculino	Feminino	Média das Índices
Referência	10,0	10,9	10,4
Substituição	0,4	-	0,2
Elipse	4,4	2,4	3,4
Conjunção	9,9	9,0	9,4
Coesão Lexical	13,2	13,5	13,3
Gênero	54,6	50,8	52,7
Desinência Verbal	9,5	6,7	8,1

Ordem decrescente do emprego dos
mecanismos de coesão

Masculino	Feminino	Classe A
gênero	gênero	gênero
coesão lexical	coesão lexical	coesão lexical
referência	referência	referência
conjunção	conjunção	conjunção
desinência verbal	desinência verbal	desinência verbal
elipse	elipse	elipse
substituição	substituição	substituição

TABELA 14 - Índice dos Mecanismos de Coesão,
na linguagem escrita da classe B

	Masculino	Feminino	Média dos Índices
Referência	11,6	15,5	13,5
Substituição	-	-	-
Elipse	2,6	1,5	2,0
Conjunção	7,7	9,4	8,5
Coesão Lexical	17,8	16,3	17,0
Gênero	52,0	59,7	55,8
Desinência verbal	6,3	6,5	6,4

Ordem decrescente do emprego dos
mecanismos de coesão

Masculino	Feminino	Classe B
gênero	gênero	gênero
coesão lexical	coesão lexical	coesão lexical
referência	referência	referência
conjunção	conjunção	conjunção
desinência verbal	desinência verbal	desinência verbal
elipse	elipse	elipse
substituição	substituição	substituição

TABELA 15 - Índices dos Mecanismos de Coesão,
na linguagem oral da classe A

	Masculino	Feminino	Média dos Índices
Referência	25,4	32,1	28,7
Substituição	-	-	-
Elipse	7,5	6,6	7,0
Conjunção	12,4	15,9	14,1
Coesão lexical	20,7	25,2	22,9
Gênero	66,2	77,5	71,8
Desinência verbal	12,1	8,7	10,4

Ordem decrescente do emprego
dos mecanismos de coesão

Masculino	Feminino	Classe A
gênero	gênero	gênero
referência	referência	referência
coesão lexical	coesão lexical	coesão lexical
conjunção	conjunção	conjunção
desinência verbal	desinência verbal	desinência verbal
elipse	elipse	elipse
substituição	substituição	substituição

TABELA 16 - Índices dos Mecanismos de Coesão,
na linguagem oral da classe B

	Masculino	Feminino	Média dos Índices
Referência	28,5	25,2	26,8
Substituição	-	-	-
Elipse	10,0	8,3	9,1
Conjunção	10,8	15,0	12,9
Coesão lexical	15,3	19,8	17,5
Gênero	67,6	65,5	66,5
Desinência verbal	16,1	12,8	14,4

Ordem decrescente do emprego
dos mecanismos de coesão

Masculino	Feminino	Classe B
gênero	gênero	gênero
referência	referência	referência -
desinência verbal	coesão lexical	coesão lexical
coesão lexical	conjunção	desinência verbal
conjunção	desinência verbal	conjunção
elipse	elipse	elipse
substituição	substituição	substituição

TABELA 17 - Mecanismos de coesão mais utilizados considerando o sexo dos informantes

Referência	-	Feminino
Substituição	-	Masculino
Elipse	-	Masculino
Conjunção	-	Feminino
Coesão Lexical	-	Feminino
Gênero	-	Masculino
Desinência Verbal	-	Feminino

TABELA 18 - Mecanismos de coesão mais utilizados pelas classes sociais, na linguagem oral e escrita

	Oral	Escrita
Referência	A	B
Substituição	-	A
Elipse	B	A
Conjunção	A	A
Coesão Lexical	A	B
Gênero	A	B
Desinência verbal	B	A

TABELA 19

Diferenças entre o maior e o menor
quociente

Sexo	Classe	Linguagem	
M	B	E	3,4
M	A	E	2,8
F	A	E	2,0
F	B	O	2,0
F	B	E	1,8
M	A	O	1,6
M	B	O	1,4
F	A	O	1,2

6. Conclusões

A partir do estudo comparativo de desempenho linguístico oral e escrito de pré-adolescentes, podemos concluir que, com respeito aos mecanismos de coesão textual, não há grandes diferenças, entre os dois grupos sociais analisados, quanto à variação entre linguagem oral e escrita e há diferenças significativas quanto às variáveis sociais (sexo e classe do informante).

A linguagem escrita apresenta uma única tabela decrescente referente ao uso dos mecanismos de coesão, tanto para a classe A como para a classe B. Os dois grupos sociais criam mais laços coesivos do tipo gênero, coesão lexical e referência.

A linguagem oral apresenta diferenças, em relação à escrita, quanto aos mecanismos de coesão mais utilizados que, em ordem decrescente são: gênero, referência e coesão lexical. Não há uma tabela única referente ao uso dos mecanismos porque os informantes de classe B têm um desempenho linguístico mais influenciado pelo código oral.

Essa diferença encontrada confirma os trabalhos de Labov, segundo o qual há menos diferenças entre as classes sociais quando o estilo é mais refletido. Vimos, pelos resultados, que há uma padronização quanto à média do emprego dos mecanismos de coesão na linguagem escrita, portadora de um estilo mais cuidadoso.

Os meninos dos dois grupos apresentam a mesma média de uso dos mecanismos, tanto na linguagem escrita como na linguagem oral. É importante frisar que o emprego da substituição só ocorre por meninos de classe A.

O comportamento das meninas é distinto entre os grupos sociais. Há uma diferença sensível no comportamento das meninas de classe A: elas apresentam o índice mais alto entre os índices da linguagem escrita (3,9) e um índice muito próximo a este na linguagem oral (3,7). Pelos dados, concluímos que as

meninas de classe A são mais formais.

Os dados obtidos confirmam nossa hipótese de que as pessoas menos favorecidas cultural e economicamente demonstram uma certa insegurança linguística, apresentando uma variação, quanto ao uso dos mecanismos de coesão, dependente do estilo. Os informantes de classe B, por exemplo, empregam mais a desinência verbal na linguagem oral.

As diferenças entre o maior e menor índice são maiores na escrita, sendo que os meninos apresentam uma diferenciação maior. Os de classe B apresentam um índice de diferença de 3,4 e os de classe A, 2,8. A diferenciação maior na escrita é natural por ser a escrita um código que requer mais cuidado e domínio, que nem sempre os pré-adolescentes têm.

A linguagem oral de nossos informantes apresenta frases interrompidas e hesitações, o que torna o texto oral mais disperso do que os textos escritos.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Napoleão Mendes de 1967 Gramática metódica da língua portuguesa - 21ª ed.
São Paulo: Edição Saraiva.
- Bueno, Francisco da Silveira. 1975. Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Editores - Livraria Acadêmica, Saraiva & Cia.
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso. 1970 Estrutura da língua portuguesa - 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada.
- Cegalla, Domingos Paschoal. 1974. Novíssima gramática da língua portuguesa. 13ª ed.
São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Cunha, Celso Ferreira da. 1975. Gramática da língua portuguesa. 2ª ed. Fename - Fundação Nacional de Material Escolar.
- Garcia, Othon. 1971. "O vocabulário".
In: Comunicação em prosa moderna.
Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Genouvier, Emile e Peytard, Jean. 1973.
"As duas faces da mensagem" e
"Léxico e vocabulário". In: Linguística e o ensino do português.
Coimbra: Livraria Almedina.
- Halliday, M.A.K. e Hasan, Ruyaya. 1975.
Cohesion in English. London: Longman.
- Labov, William. 1972.
"The isolation of contextual styles".
In: Sociolinguistic patterns.
Philadelphia, University of Pennsylvania.

Lapa, Rodrigues. 1964

Estilística da língua portuguesa.

São Paulo: Edição Saraiva.

Lima, Carlos Henrique da Rocha. 1973

Gramática normativa da língua portuguesa.

16ª ed.

Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Apêndices

Apêndice 1
 Contatos da linguagem oral (Classe A)

	né	sabe	viu	entendeu
NC	5			
HP	-			
JB	-			
EO	1			
WP	1			
NM	10			
PC	2			1
PE	9			
AV	3			
CN	3			
LP	6	2		
EV	6			
EB	6	1		
AO	2			
AC	5			
EG	8	1		
LZ	15			
PV	17			
RA	14	1		
CC	1			

Apêndice 2
 Contatos da linguagem oral (classe B)

	né	sabe	viu	conhece
RA	-			
NZ	2			
WS	-			
DP	3	1		
FH	-	3		
NP	1	2		
LC	-			
WR	9	1		
AV	3	1		
CJ	1	2		
RO	15			
RP	7			
EP	8			
VL	2	4	1	
MA	2			
EB	8			
AA	1	15		
MR	4			
MO	2			
MB	3			

Apêndice 3
 Hesitação na linguagem oral (classe A)

	ãhn	assim	bom	ah
NC	3	10		
HP		-	-	
JB		1		
EO		1		
WP		3		
NM	1	-		1
PC		1		1
PE		4		8
AV		6		
CN		3	1	
LP		2		
EV		1		
EB		3		
AO		5		
AC		2		
EG		1		2
LZ		7		
PV		-		
RA		1		
CC		2	2	

Apêndice 4
 Hesitação na linguagem oral (classe B)

	ãhn	assim	bom	ah
RA	1			
NZ			2	4
WS				
DP		1		
FH		3		
NP			2	3
LC				
WR				2
AV				
CJ	1	1		1
RO		14		1
RP		2		
EP				
VL		9	1	
MA		1		
EB				
AA		5		3
MR				
MO				1
MB		2	1	

Apêndice 5

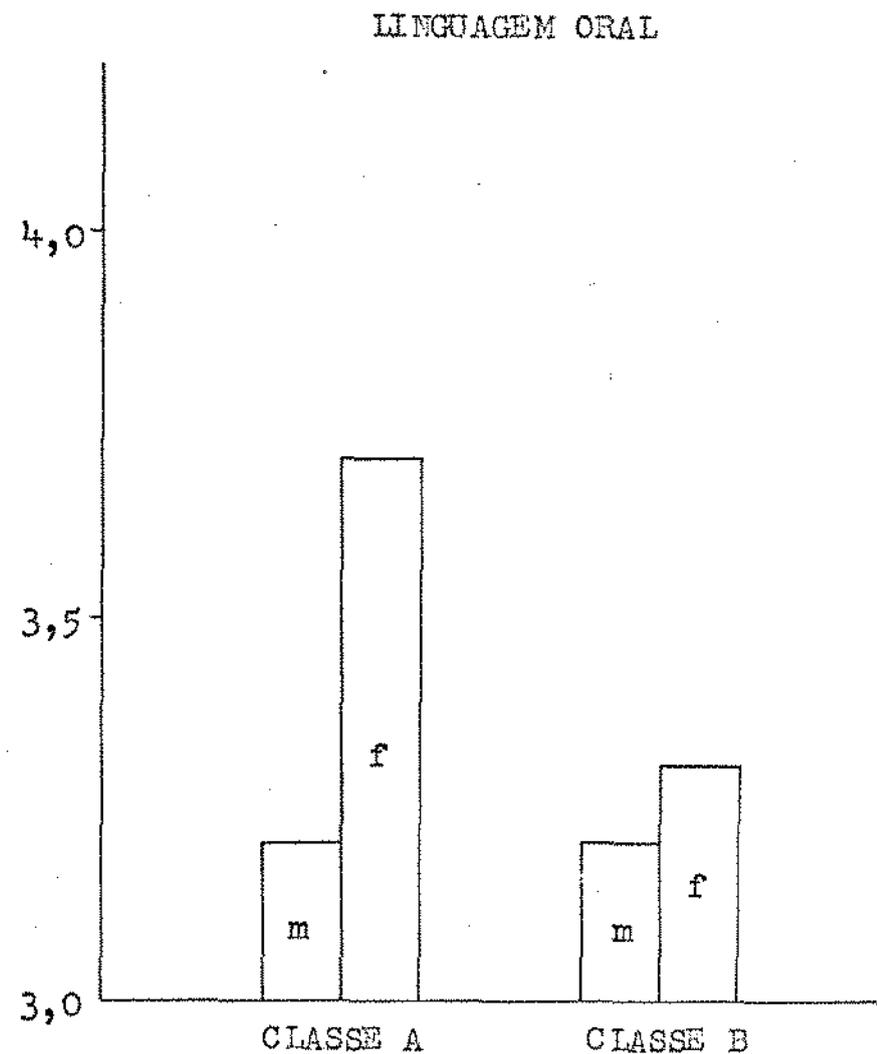
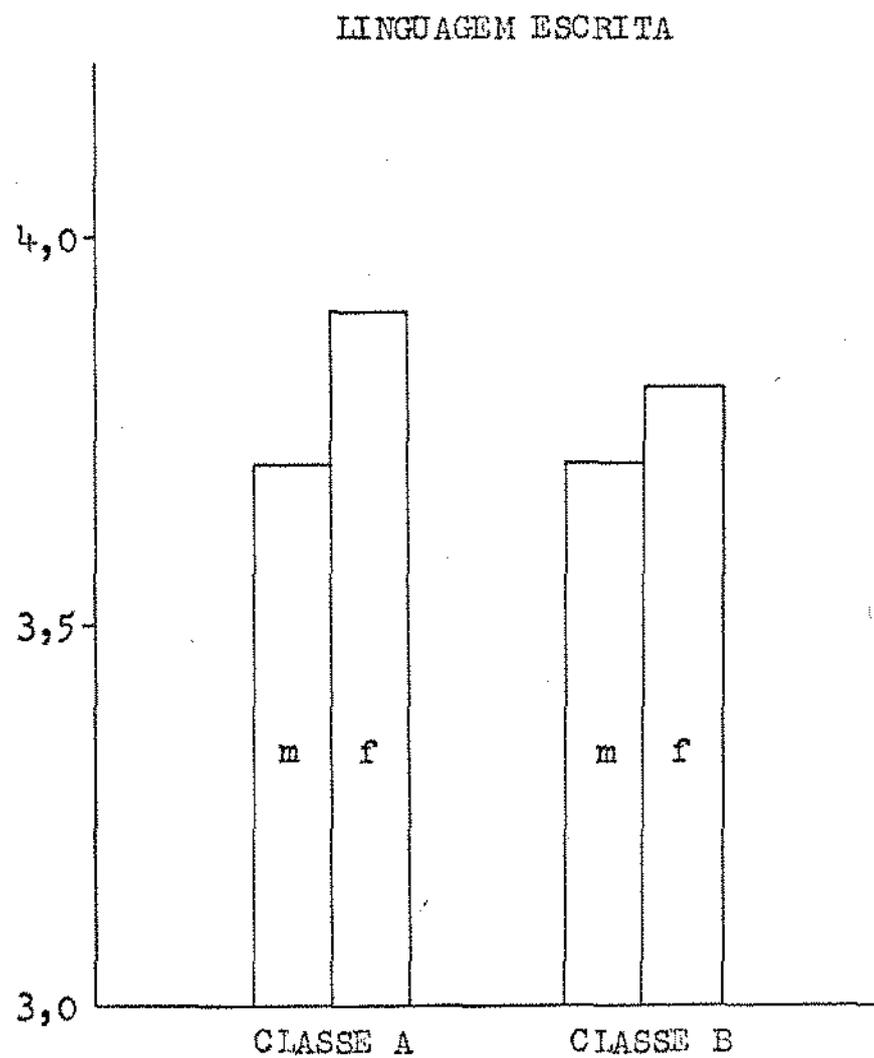
Itens continuativos na linguagem oral (classe A)

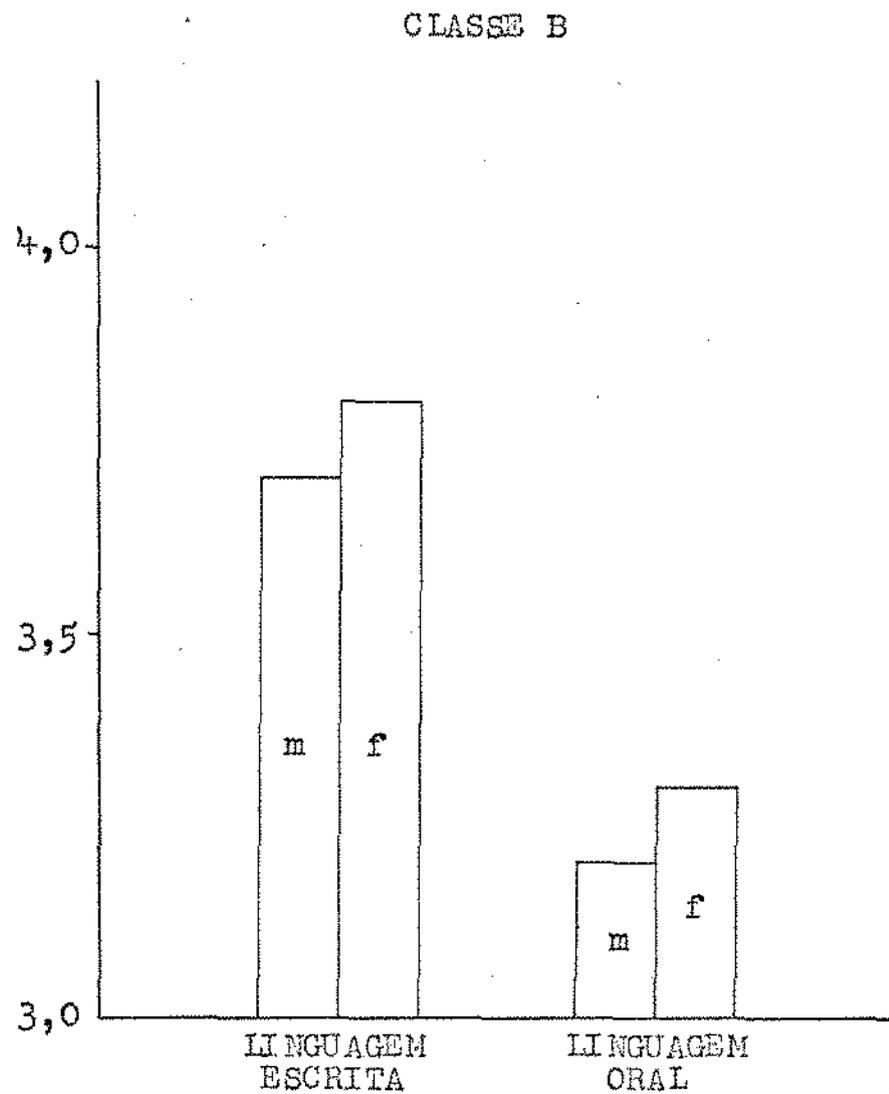
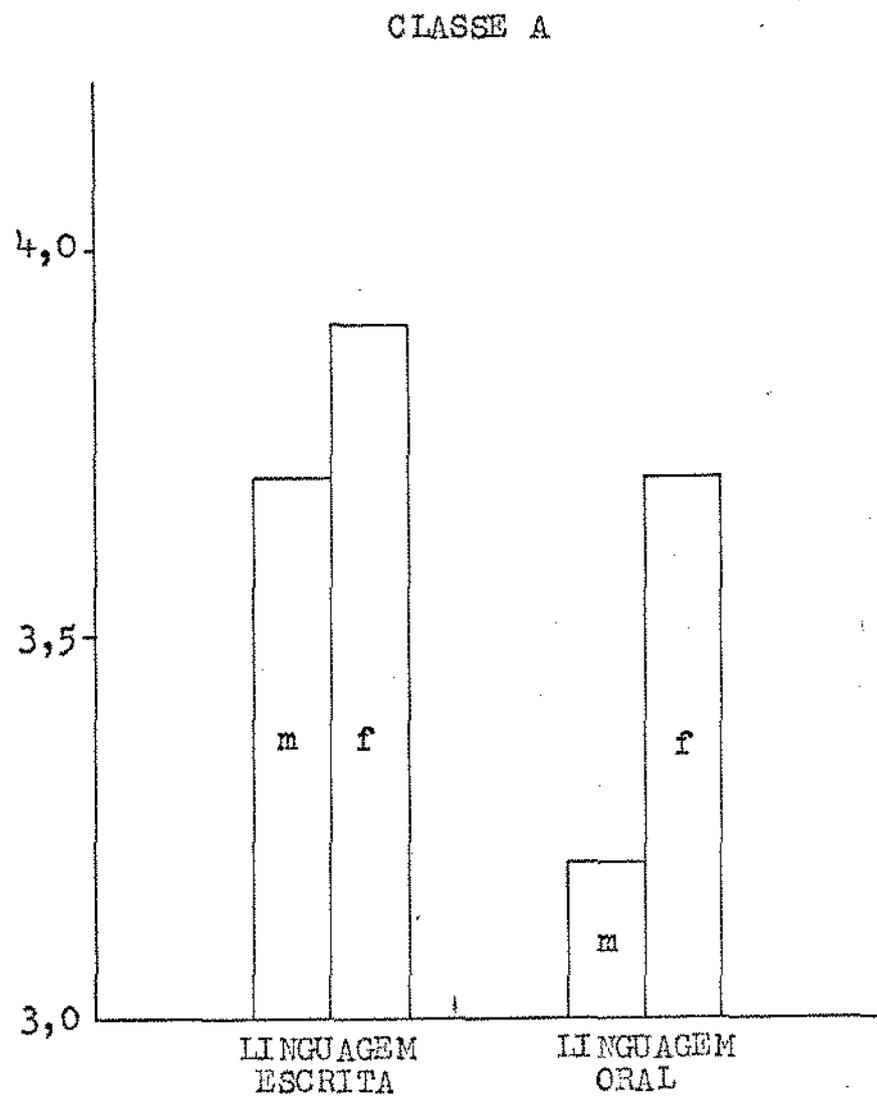
	então	daí	depois	agora
NC	6	1	2	
HP		2		
JB	1	-	-	
EO	1	1	1	
WP		1		
NM	6			
PC		7		
PE	7			
AV	3		3	
CN	3	4	1	
LP		5		
EV	4	4	2	
EB	3	1		
AO		7		
AC		2		
EG	-	-	-	
LZ	3			
PV	1		2	
RA	1			
CC	2	3		

Apêndice 6
Itens continuativos na linguagem oral (classe B)

	então	daf	depois	agora
RA		1		
NZ	1		1	1
WS				
DP	1		2	
FH	1	1	1	
NP				
LC	1			
WR	5	5	1	
AV	1			
CJ		1	1	
RO	6	9	3	
RP		1		
EP		1		1
VL		1	1	
MA	2		1	
EZ	6	1		
AA	8	1		1
MR		1	3	
MO	1	3	1	
MB	4	3		

Apêndice 7 - Gráfico 1 - Quadro demonstrativo das médias dos quocientes (linguagem escrita vs. linguagem oral)





Apêndice 9

Soma das ocorrências dos mecanismos de coesão

1- Referência

Oral			
A		B	
M	F	M	F
254	321	285	252

Escrita			
A		B	
M	F	M	F
100	109	116	155

2- Elipse

Oral			
A		B	
M	F	M	F
75	66	100	83

Escrita			
A		B	
M	F	M	F
44	24	26	15

3- Substituição

Oral				Escrita			
A		B		A		B	
M	F	M	F	M	F	M	F
-	-	-	-	4	-	-	-

4- Conjunção

Oral				Escrita			
A		B		A		B	
M	F	M	F	M	F	M	F
124	159	108	150	99	90	77	94

5- Coesão lexical

Oral				Escrita			
A		B		A		B	
M	F	M	F	M	F	M	F
207	252	153	198	132	135	178	163

6- Gênero

Oral			
A		B	
M	F	M	F
662	775	676	655

Escrita			
A		B	
M	F	M	F
546	508	520	597

7- Desinência Verbal

Oral			
A		B	
M	F	M	F
121	87	161	128

Escrita			
A		B	
M	F	M	F
95	67	63	65

Apêndice 10
Textos analisados

Apresentamos dois textos analisados, um de linguagem escrita e outro de linguagem oral.

A redação apresenta muitos erros de ortografia, acentuação, concordância e nenhum sinal de pontuação:

(FH,M,B,E) - " Meu cachorrinho

Bobi e um camzinho muito inteligente tem 3 mezes de vida ele é Branco com manchas pretas

O que ele mas gosta é assistir televisão e le tem o seu canto favorito que é a ponta do sofa ele tambem gosta de jogar Bola ou Brincar poristo não gosta que ninguem pegue sua Bola ele gosta mesmo é de andar na garupa da bisicleta de três roda do Alechandre que é meu irmanzinho fez barulho com a bisicleta ele fica bem loquinho com vontade de andar nela"

O texto acima apresenta 58 ocorrências de mecanismos de coesão, assim distribuídas:

Referência = 13

ele, que, ele, ele, seu, que, ele, sua, ele, sua, ele, que, meu, ele, nela,

Substituição -

Elipse -

Conjunção = 1 ("poristo")

branco com manchas pretas;

"mas" ² gosta - canto fovorito ² - gos

ta ² de jogar - não gosta ² - gosta ² mesmo.

jogar bola ³ ... sua bola ³

garupa da "bisicleta" ⁴ - barulho com a "bi

sicleta" ⁴

gosta mesmo é de andar na ... ⁵ - com vanta

de de andar ⁵

1	-	1
2	-	4
3	-	1
4	-	1
5	-	1
		8

Gênero = 34

um canzinho inteligente - ele, branco -
 manchas pretas - ele, ele - o seu can-
 to favorito - a ponta - do sofa -
 ele - sua bola - ele - na garupa -
 da bisicleta - do Alechandre - meu
 irmanzinho - a bisicleta - ele -
 loquinho - nela.

Desinência Verbal = 2

tem - não gosta.

Apêndice 10-B

Texto oral

(AO,F,A,O) - "Um dia, sempre um dia,..."
 meu irmão tava estudando e eu, Paula, Raquel fomo amo
 lá ele. Daí, ele ... a gente pegava algodão, jogava
 na cara, jogava fósforo, jogava em cima, assim - '
 mas não jogava em cima dele, jogava, assim, perto, né.
 Daí, ele pegô o chinelo, jogô assim - era um quar-
 tinho assim, que tem no quintal assim. Ele estuda !
 lá, que não vai ninguém quase lá. Daí ele jogô, a -
 travessô o quintal, entrô na lavanderia, quebrô todos
 os vidro, dona. Daí, né, nós fomo comprá o vidro, '
 eu fui ... tava tudo quebrado; eu fui descê, tava des
 calça. Daí ficô tudo ... vidro no meu pé. Eu fui'
 pegá a espátula, emprestá uma espátula para grudá o '
 vidro. Grudamo tudo o vidro, dona, minha mãe não '
 percebeu nada. Daí a gente ficava com uma cara, do-
 na. "O que aconteceu?", ela - Daí nós contamos
 tudo; ela ficou meio brava".

Há, neste texto oral, 123 ocorrências de '
 mecanismos de coesão, assim distribuídos:

Referência = 20

meu, eu, ele, ele, dele, ele, que, Ele, lá,
 lá, ele, nós, eu, eu, meu, Eu, minha, ela,
 nós, ela.

Substituição -

Elipse = 12

2 casos de elipse verbal

- a) eu fui pegá a espetátula, ϕ emprestá ...
 b) "O que aconteceu?", ela ϕ .

10 casos de elipse nominal

jogava⁰ na cara⁰, jogava fósforo⁰, jogava⁰
em cima⁰, não jogava⁰ jogava⁰, assim, per
to⁰

ele pegô o chinelo, jogô⁰ assim - Daí
ele jogô⁰

Conjunção = 10

e Daí mas Daí (que (= causal) Daí Daí '
Daí Daí Daí

Coesão Lexical = 17

um dia,¹ sempre um dia;¹

quintal⁵ - atravessô o quintal⁵

pegô o chinelo, jogô⁴ ... jogô⁴

quebrô todos os vidro⁷, comprá o vidro⁷,

tava tudo quebrádo⁶

tava descalça⁷ - vidro⁷ no meu pé⁸

pegá espátula⁹, emprestá a estátula⁹

para grugá o vidro⁷. Grudamo o vidro¹⁰

jogavá² na cara

jogavá² fósforo

jogavá² em cima³

não jogavá² em cima³ dele

jogavá² perto³

1 = 1	6 = 1
2 = 4	7 = 4
3 = 2	8 = 1
4 = 1	9 = 1
5 = 1	<u>10 = 1</u>

17

Gênero = 53

um dia um dia meu irmão ele ele, a '
 gente, na cara, dele ele o chinelo um
 quartinho no quintal ele ele o
 quintal na lavanderia todos os vi
 dro o vidro quebrado decalça
 no meu pé a espátula uma espátula
 o vidro o vidro minha mãe a
 gente uma cara ela ela '
 brava

Desinência Verbal = 11

jogava	jogava	jogava	jogava
jogava	jogô	atravessô	entrô
quebrô	tava	Grudamo	